

93

António Ribeiro Alves · Leonel Preto
Augusta Mata · Inês Corredeira · Mário Escudeiro

Da toxicodependência à depressão: Consumos, significações e prevalências

SÉRIE

Estudos

Escola Superior de Educação

EDIÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

António Ribeiro Alves · Leonel Preto
Augusta Mata · Inês Corredeira
Mário Escudeiro

Da toxicodependência
à depressão:
Consumos, significações e
prevalências

93

António Ribeiro Alves · Leonel Preto
Augusta Mata · Inês Corredeira
Mário Escudeiro

Da toxicodependência
à depressão:
Consumos, significações e
prevalências

SÉRIE

Estudos

EDIÇÃO DO INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA

Título: Da toxicod dependência à depressão: Consumos, significações e prevalências
Autores: António Ribeiro Alves, Leonel Preto, Augusta Mata, Inês Corre-
deira, Mário Escudeiro
Edição: Instituto Politécnico de Bragança · 2008
Apartado 1038 · 5301-854 Bragança · Portugal
Tel. 273 303 200 · Fax 273 325 405
<http://www.ipb.pt>
Execução: Serviços de Imagem do Instituto Politécnico de Bragança
(grafismo: Atilano Suarez; paginação: Luís Ribeiro; montagem e
impressão: António Cruz; acabamento: Isaura Magalhães)
Tiragem: 200 exemplares
Depósito legal n.º 271444/08
ISBN 978-972-745-094-7
Aceite para publicação em 2007

E-mail para onde deve ser enviada a correspondência sobre o estudo: afralves@ipb.pt

Agradecimentos

A concretização do presente trabalho foi possível dado o apoio de diversas pessoas e instituições, as quais destacamos:

padre Delfim Jorge, como responsável distrital, na época, do Projecto Vida;

responsáveis pelos programas prevenção da toxicoddependência das Câmaras Municipais de Bragança, Macedo de Cavaleiros e de Mirandela;

Professor Doutor Francisco José Cepeda, na época, Governador Civil de Bragança;

Professor Catedrático Dionísio Afonso Gonçalves, na época Presidente do Instituto Politécnico de Bragança;

Conselhos Directivos das escolas do IPB por terem autorizado o acesso aos estudantes durante as aulas;

Luís Carlos Magalhães Pires e Pedro Miguel Lopes Bastos, docentes da ESA, e Nuno Carvalho, técnico de informática nesta escola, pela colaboração na versão online do questionário;

todos os docentes que tiveram a amabilidade de nos conceder parte do tempo das suas aulas para a recolha de dados;

todos os estudantes que colaboraram respondendo aos questionários - oxalá que os resultados possam ter consequência na progressiva melhoria da sua vida académica.

Professor Doutor Jorge Negreiros, da Faculdade de Psicologia da Universidade do Porto, pela leitura do manuscrito.

Índice

Agradecimentos	5
Introdução	9
Método	13
Amostra	13
Instrumento	15
Procedimento	18
Processo de recolha dos dados	18
Coerência dos dados	19
Resultados e Análise	20
Experiência e condutas de consumo	20
Consumo em função da pertença ao sexo	21
Contextos de iniciação, razões de consumo e de dependência	24
Idade de Início do Consumo das Substâncias	27
Idade de Início do consumo das Substâncias em função do Sexo	28
Idade de Início em função do Local de Origem	30

Influência do Local de Origem nos Níveis de Satisfação	
com a Cidade e com o Curso _____	30
Prevalências de Consumo das diferentes Substâncias _____	31
Natureza dos consumos e outros aspectos. _____	35
Drogas utilizadas por conhecidos _____	37
Narrativa Protótipo _____	37
IACLIDE _____	39
Influência do consumo das diferentes substâncias	
no IACLIDE _____	40
Influência no IACLIDE de outros Factores _____	40
Opiniões sobre o fenómeno da droga _____	41
Síntese dos Resultados _____	43
Limitações e Investigação Futura _____	46
Referências _____	47

Introdução

O contexto social e político que antecedeu o início deste estudo estava influenciado por três aspectos essenciais:

- a comunicação social publicou uma notícia segundo a qual a cidade de Bragança era a localidade que registava maior consumo de drogas entre os estudantes do ensino superior (“Um terço dos universitários”, 2001);
- a Associação Académica de Bragança, em tom de reacção, iniciou uma campanha de combate à toxicodependência com a finalidade de distanciar o campus do Instituto Politécnico de Bragança (IPB) da existência de consumos e de consumidores (Associação Académica de Bragança, s.d.);
- havia o empenho das autoridades nacionais e locais em planos de prevenção da toxicodependência.

Ora, importava tentar conhecer de uma forma racional um objecto sobre o qual se constroem facilmente visões catastrofistas e absolutistas, e sobre o qual se recolhem dados sem alguns cuidados necessários (e.g., supervisão durante o preenchimento dos questionários). Só o conhecimento racional, que não está isento de limitações e até de erros, permite fundamentar qualquer estratégia de intervenção

preventiva ou remediativa, tanto da toxicodependência como de outros problemas da vida estudantil.

O presente estudo tem os seguintes quatro objectivos essenciais:

- (1) avaliar a natureza e a extensão dos consumos de várias substâncias legais e ilegais junto da população estudantil do IPB¹;
- (2) conhecer algumas significações dos estudantes do IPB sobre o fenómeno da droga;
- (3) avaliar, na mesma população, a prevalência da depressão;
- (4) conhecer outros aspectos da vida estudantil.

Para cumprir os quatro objectivos, foi organizado um instrumento de recolha de dados que se inspirou em diversas fontes. Assim, o cumprimento do primeiro objectivo apoiou-se em estudos como os de Negreiros (1996), de Maxwell, & Liu, (1999) e nas indicações que apelam às condições de anonimato e de honestidade (Smart, et. al., 1980). No que respeita ao segundo objectivo, teve-se em conta o estudo sobre narrativa protótipo em toxicodependentes de heroína (Alves, 2000). De acordo com este estudo, as significações pessoais de um toxicodependente de heroína terão uma organização narrativa particular que o sujeito mais facilmente relaciona com a sua vida. Ou seja, o reconhecimento de um grau de relação entre a narrativa protótipo e a vida do toxicodependente de heroína dá uma indicação de uma possível identidade toxicodependente. Utilizou-se, ainda, uma ideia simples para avaliar outras significações a qual consistiu em pedir resposta sim/não a um conjunto de asserções sobre o fenómeno da droga.

Quanto ao terceiro objectivo, optou-se por avaliar a prevalência da depressão pelo seguinte motivo: baseados na experiência de um de nós (não publicada) que consistiu em aplicar o IACLIDE² a 115 estudantes do 1º ano e registar que a média era 16.25, o desvio padrão era 9.96, e que os valores normais representavam 72.20% e os valores acima do valor de corte (≥ 20) representavam 27.80%, havia fundamento para estabelecer a hipótese de a queixa depressiva ser mais frequente do que esperado na população estudantil do IPB. Aqueles valores indicavam uma média perto do valor de corte e uma forte dispersão, porque o desvio padrão é superior a 30.00% da média (cf., D'Hainault, 1990). Para avaliar a prevalência da depressão utilizou-se o IACLIDE. De facto, uma escala idêntica, tal como o Beck Depression Inventory (BDI), têm sido usada em vários estudos com diferentes objectivos, utilizando como participantes os estudantes do ensino superior (cf., Whisman, Perez & Ramel, 2000; Endler, Rutherford & Denisoff, 1999; Bonilla, Bernal, Santos & Santos, 2004). Onde, o

uso do IACLIDE em uma população não-clínica do ensino superior, afigura-se-nos sustentado por uma prática anterior análoga e pelo facto de ter sido alvo de estudo das suas propriedades psicométricas para a população portuguesa (Vaz-Serra, 1994).

Finalmente, quanto ao quarto objectivo, optou-se por recolher um conjunto de dados que possibilitasse o conhecimento sobre aspectos como responsabilidades familiares, perdas de outros significativos, o grau de satisfação com o funcionamento familiar, com a escola, com curso e com a cidade, a auto-avaliação do desempenho académico, a ocupação dos tempos livres e a eventual relação destes aspectos com os objectivos anteriores.

Método

Amostra

A amostra ($N = 1700$) é constituída por alunos das cinco escolas do IPB e foi escolhida aleatoriamente numa população de 5267 alunos³. A sua distribuição por escola varia entre 9.47% e 35.00% (Tabela 1).

Tabela 1 – População e amostra por escolas.

Escola	População		Amostra	
ESA	817	15.51%	259	15.24%
ESE	1134	21.53%	595	35.00%
ESS	475	9.02%	327	19.24%
ESTiG	2091	39.70%	358	21.06%
ESTGM	750	14.24%	161	9.47%
Total	5267	100.00%	1700	100.00%

No que respeita aos dois sexos, há, também, uma distribuição diferencial inter-escolas e verifica-se que é constituída maioritariamente por indivíduos do sexo feminino. O mesmo é verificável na população de estudantes do IPB, apesar da diferença de proporções ser inferior. (Tabela 2)

Tabela 2 – Distribuição do sexo em cada escola na população e na amostra.

Escola	População				Amostra			
	Feminino		Masculino		Feminino		Masculino	
ESA	524	64.14%	293	35.86%	180	69.50%	79	30.50%
ESE	825	72.75%	309	27.25%	447	75.13%	148	24.87%
ESS	397	83.58%	78	16.42%	250	76.45%	77	23.55%
ESTiG	872	41.70%	1219	58.30%	206	57.54%	152	42.46%
ESTGM	449	59.87%	301	40.13%	110	68.32%	51	31.68%
Total	3067	58.23%	2200	41.77%	1193	70.18%	507	29.82%

Quanto aos anos lectivos, observa-se também uma distribuição diferencial onde, no global da amostra, o ano lectivo mais representado é o 1º, enquanto que o menos representado, é o último ano dos cursos. A representatividade por ano segundo a Escola que frequentam, é maioritária no 2º ano do curso na ESA e ESTGM (neste caso com igual distribuição que no 1º ano), enquanto que na ESE a maior representatividade é do 3º ano, e na ESTiG e na ESSA é maioritária nos alunos do 1º ano (Tabela 3).

Tabela 3 – Distribuição do ano lectivo em cada escola na amostra.

Escola	Ano Curricular									
	1º		2º		3º		4º		5º	
ESA	78	30.12%	84	32.43%	58	22.39%	22	8.49%	17	6.56%
ESE	159	26.72%	99	16.64%	184	30.92%	153	25.71%	-	-
ESS	207	63.30%	77	23.55%	29	8.87%	14	4.28%	-	-
ESTiG	142	39.66%	101	28.21%	62	17.32%	51	14.25%	2	0.56%
ESTGM	55	34.16%	55	34.16%	39	24.22%	9	5.59%	3	1.86%

Nota: em todas as tabelas, o hífen indica que o dado não foi recolhido por impossibilidade. Neste caso, nas escolas em causa, não existem cursos com mais de quatro anos.

Inicialmente previu-se que a totalidade ou a esmagadora maioria da população estudantil seria abrangida pelo estudo, no entanto, e como adiante se explicará, tal não foi viável. No que respeita à idade, obtiveram-se os seguintes valores: $M = 21.67$; $DP = 2.70$; valor mínimo = 17; valor máximo = 39. O coeficiente de variação calculado é de 12.40%, evidenciando uma moderada distribuição dos valores em torno da média das idades.

No que respeita ao local de origem dos estudantes, podemos afirmar que a amostra tem 34.59% oriundos do distrito de Bragança,

64.53% dos restantes distritos, 0.76% do estrangeiro e os restantes 0.12% não responderam. Finalmente, quanto ao estado civil, 97.35% é solteiro/a, 2.35% é casado/a ou vive em união de facto, e 0.30% são divorciados.

Instrumento

O instrumento utilizado foi um questionário organizado em nove partes. Em cada uma, os respondentes providenciaram os seguintes dados segundo esta ordem de apresentação:

1) *Alguns dados de identificação* – pertença sexual, idade, localidade de origem, quilómetros que essa localidade dista de Bragança, estado civil, profissão dos pais, identificação de responsabilidades por filhos ou outros, identificação de eventuais falecimentos de pessoas significativas;

2) *APGAR* – trata-se de uma escala tipo Likert com cinco itens (Quadro 1) que permite avaliar a percepção do funcionamento familiar (Agostinho, M. & Rebelo, L. 1988) e cuja adequação tem sido aceite (Saameño et. al., 1996; Gardner, W. et. al. 2001).

Quadro 1 – Escala APGAR.

	Quase Sempre	Às Vezes	Nunca
Estou satisfeito com a ajuda que recebo da minha família, sempre que alguma coisa me preocupa.			
Estou satisfeito pela forma como a minha família discute assuntos de interesse comum e compartilha comigo a solução do problema.			
Acho que a minha família concorda com o meu desejo de encetar novas actividades ou de modificar o meu estilo de vida.			
Estou satisfeito com o modo como a minha família manifesta a sua afeição e reage aos meus sentimentos ex.: irritação, pesar e amor).			
Estou satisfeito com o tempo que passo com a minha família.			

Em cada item, o sujeito escolhe uma entre três possibilidades de resposta às quais se atribuem os seguintes pontos: 2 a *Quase Sempre*; 1 a *Às Vezes*; 0 a *Nunca*. O resultado final é determinado pela soma dos pontos em cada item e é categorizado da seguinte forma: Altamente Funcional [7,10]; Disfunção Moderada [4,6]; Disfunção Acentuada [0,3];

3) *Aspectos vocacionais e académicos* – escola, ano lectivo,

regime, identificação se o curso e a escola foram as primeiras opções no processo de candidatura, escolha do grau de satisfação relativamente ao curso e à cidade onde se localiza a escola através de uma escala de cinco categorias (i.e., *Muito Satisfeito, Satisfeito, Assim-Assim, Desanimado e Muito Desanimado*); auto-avaliação do desempenho académico, também através de uma escala de cinco categorias (i.e., *Muito Bom, Bom, Razoável, Fraco, Muito Fraco*); identificação de repetências em disciplinas e anos curriculares, identificação de participação em actividades ou associações (i.e., *Académicas, Culturais, Recreativas, Desportivas, Religiosas, Escuteiro/Guias, Políticas, Outras*);

4) *Identificação geral de consumidores/não consumidores* – fez-se com recurso a duas questões mutuamente exclusivas: 1) Nunca experimentei uma vez que fosse, nem álcool nem tabaco nem drogas; 2) Já experimentei pelo menos uma vez: Álcool, Tabaco, Drogas. Caso os sujeitos escolhessem a primeira asserção não respondiam às questões do *perfil de consumo* e passavam directamente às perguntas expostas a partir da alínea 7) inclusive. Caso escolhessem a segunda asserção, teriam de identificar quais as substâncias experimentadas através de uma resposta *Sim/Não*;

Quadro 2 – Escalas para caracterizar o consumo.

Tabaco	Álcool	Restantes Substâncias
<ul style="list-style-type: none"> • Nunca experimentei. • Experimentei uma vez mas não continuei. • Experimentei e continuei. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nunca experimentei. • Experimentei uma vez mas não continuei. • Bebo mas só às refeições. • Bebo ocasionalmente. • Sinto que bebo demasiado. 	<ul style="list-style-type: none"> • Nunca experimentei. • Experimentei uma vez mas não continuei. • Experimento ocasionalmente. • Experimento regularmente. • Sinto que estou agarrado.

5) *Perfil de consumo* – compreendeu as seguintes variáveis: caracterização do consumo através de três tipos de escalas (Quadro 2); idade de início em anos, meses ou dias; número de bebedeiras no caso do álcool; contexto social de iniciação; local de iniciação; razão subjectiva do consumo; razão subjectiva da dependência (Quadro 3); prevalência *ao longo da vida (LV), no último ano (UA) e nos últimos 30 dias (UM)*, com recurso à escala: *Nunca usei, 1 a 4 vezes, 5 a 9 vezes, 10 a 19 vezes, 20 a 29 vezes, ≥ 40 vezes*; escala para avaliar quantas pessoas das relações do respondente usam drogas (i.e., *nenhuma, poucas, algumas, muitas, quase todas*);

Quadro 3 – Variáveis do perfil de consumo.

Todas as substâncias⁴			
A iniciação foi com	O local onde comecei	A razão que me levou a experimentar foi ⁵	A razão porque estou dependente é (só responder se se considerar dependente) ⁶
Namorado/a	Café	Ver outros experimentar	Sentir sensações agradáveis
Amigos/as	Escola	Curiosidade	Não conseguir parar
Colegas	Casa	Sentir sensações agradáveis	Evitar a ressaca
Familiar	Casa de amigos	Relacionar-me melhor com os outros	Fugir de problemas
Sozinho/a	Discoteca/bar	Fugir de problemas	Ser doente
	Rua	Dormir e descansar	Outra Qual?
	Outra Qual?	Outra Qual?	

7) *Opiniões sobre o fenómeno droga e toxicodependência* – foram avaliadas com recurso a um conjunto de 13 frases de resposta *Sim/Não* (Quadro 4).

Quadro 4 – Frases para avaliar opiniões sobre o fenómeno da droga.

Frases	Resposta
O estado não consegue acabar com os traficantes de drogas.	Sim Não
As drogas leves e duras deverão continuar proibidas.	Sim Não
As drogas leves deveriam ser de venda e consumo livre.	Sim Não
Ninguém deveria ser preso só por ser toxicodependente.	Sim Não
Toda a droga deveria ser vendida em farmácias.	Sim Não
A toxicodependência é uma doença incurável.	Sim Não
Os problemas familiares são a causa da droga.	Sim Não
As pessoas tomam drogas porque têm prazer nisso.	Sim Não
Os drogados são pessoas agressivas.	Sim Não
A droga só provoca criminalidade.	Sim Não
É difícil sair da droga porque o prazer é maior que a dor.	Sim Não
A droga estará sempre presente em todas as sociedades.	Sim Não
A pena de morte é a solução para combater os grandes traficantes.	Sim Não

8) *Narrativa* – Após a leitura da narrativa que se segue, os sujeitos escolheram o grau de relação com a sua vida utilizando a

seguinte escala: *nenhuma relação com a minha vida, alguma relação com a minha vida, tem relação com a minha vida, muita relação com a minha vida, total relação com a minha vida*):

Nesse dia, ao entrar no café, estava na pior. Não suportava mais aquela vida e aquela tensão. Em casa as conversas pareciam-me ser todas iguais. No trabalho era a tortura constante dos dias que se seguiam uns aos outros. A pessoa com quem namorava já pouco me dizia para além da conversa papagueada do dia a dia. O café naquele dia parecia uma realidade diferente. O destino parecia que me abria de novo as portas. Um grupo de estrangeiros sentava-se ao meu lado na esplanada com as mochilas carregadas espalhadas pelo chão. Discutiam as suas aventuras e viagens por esse mundo fora. Era como se eles tivessem sido colocados ali por uma força superior. Os meus olhos começaram a arregalar-se e a saliva a crescer. Lentamente fui entrando na conversa quase que levado por um impulso que não podia controlar. As realidades dos seus mundos começaram a tornar-se as minhas fantasias. Tudo aconteceu num ápice e quando dei comigo já seguia com eles quase como num transe. Deitei tudo para trás para partir para esta aventura que se me ofereceu ao caminho. Com o decorrer do tempo veio o cansaço das viagens. As viagens eram uma oportunidade mas a pouco e pouco iam-se transformando numa rotina. Quando me cansava, partia de novo para um novo lugar e de novo me cansava. Seguia-se uma nova partida. Com as viagens ia conhecendo muitas gentes e lugares mas sentia-me cada vez mais sozinho e sem direcção. Hoje, dou por mim arrastado automaticamente às esplanadas de cafés pelo mundo fora, na esperança de que o mundo se abra de novo à minha frente. (Fim)

9) IACLIDE – trata-se do inventário de avaliação clínica da depressão já referido anteriormente (cf., Vaz-Serra, 1994)⁷

Procedimento

O procedimento adoptado está dividido, para efeitos de clareza, em *processo de recolha dos dados e coerência dos dados*.

Processo de recolha dos dados

Após a construção do questionário foi necessário convertê-lo num formato digital que permitisse alojá-lo num servidor. Em matéria de segurança foram adoptados três procedimentos fundamentais: (1) o preenchimento do questionário tinha de ser feito com a presença imprescindível de pelo menos um membro da equipa de investigação, ou de um docente devidamente instruído – o que implicava a utilização de tempos lectivos; (2) uso de palavra-chave,

cujos conhecimentos esteve sempre reservados aos membros da equipa de investigação ou docente devidamente instruído; (3) registo da data e hora da aceitação *online*.

Em seguida foi efectuado um pré-teste com cerca de 50 estudantes da ESSA. Logo que os estudantes se sentaram, cada um em frente ao respectivo computador, fez-se o seguinte: *a*) um membro da equipa de investigação explicou o significado da tarefa, referindo o interesse em termos de conhecimento e de intervenção, e salientou o carácter livre e anónimo da colaboração de cada estudante, a qual agradeceu colectivamente; *b*) informou-se os estudantes do endereço electrónico que deviam digitar; *c*) os membros da equipa de investigação digitaram a palavra-chave para acesso ao questionário e permaneceram na sala para eventuais esclarecimentos.

O pré-teste serviu para corrigir pequenos erros ortográficos, afinar alguns aspectos de navegação, concluir que o tempo de preenchimento estaria compreendido entre 20 a 30 minutos, que deveriam ser mantidos os três aspectos de segurança e as acções descritas nas alíneas *a*), *b*) e *c*). O pré-teste não decorreu em tempo lectivo.

De seguida, através dos órgãos competentes, obtiveram-se as permissões de recolha de dados e a sensibilização do corpo docente para permitir a ocupação do tempo lectivo, quase sempre os primeiros 45 minutos da aula.

O preenchimento *online* acabou por revelar-se muito moroso por causa da relação entre a disponibilidade de computadores e o número de estudantes a responder simultaneamente. Perante isto, decidiu-se converter o questionário *online* para papel. O que se perdeu em termos de rapidez de tratamento dos dados, ganhou-se em maior número de alunos por cada passagem do questionário⁸.

O processo de recolha decorreu no período compreendido entre o segundo semestre de 2003/2004 e o primeiro semestre de 2004/2005.

Coerência dos dados

Quer a versão *online* quer a versão em papel do questionário não tinham senão um número pequeno de instruções para ajudarem o estudante a manter coerência nas respostas. Pressupôs-se que a presença de alguém da equipa de investigação ou de um docente, o nível de formação e a familiaridade dos estudantes com questionários *online* e em papel preveniam respostas inconsistentes. De facto, assim foi para a esmagadora maioria da amostra. Houve, porém, algumas incoerências nas respostas dadas. O procedimento adoptado foi o de analisá-las caso a caso para as esclarecer, em vez de as eliminar à partida. Assim, através de uma comparação intra-sujeito, foi possível resolver todos os casos de respostas incoerentes. Esta comparação

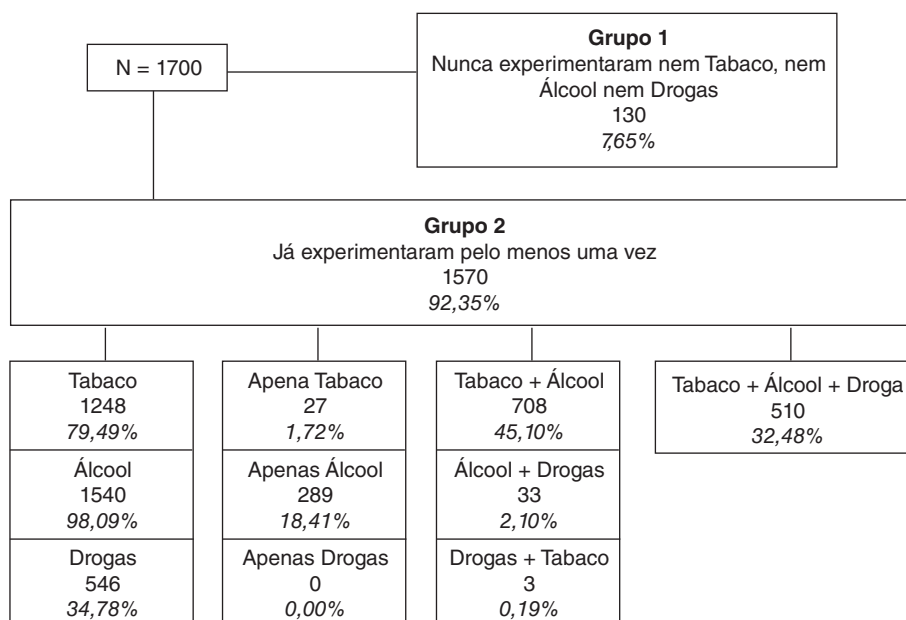
recorreu à convergência de respostas para determinar a opção correcta. Alguns exemplos foram: 1) corrigir a resposta à asserção *Nunca experimentei uma vez que fosse, nem álcool nem tabaco nem drogas* conforme se detectava ou não uma experiência de consumo em uma das três substâncias, em diferentes questões; 2) atribuir a resposta *Nunca Usei* na prevalência do último ano quando não se registou qualquer experiência de consumo.

Resultados e Análise

Experiência e condutas de consumo

O questionário permitiu a definição de dois grupos: *Grupo 1* - os que afirmaram nunca ter experimentado o consumo de álcool, tabaco e drogas; *Grupo 2* - os que afirmaram terem consumido pelo menos uma vez qualquer uma destas três substâncias (Figura 1).

Figura 1 – Alunos agrupados conforme o tipo de experiência de consumo de Tabaco, Álcool e Drogas.



De todos os alunos inquiridos, apenas 7.65% podem ser incluídos no Grupo 1 porque afirmaram jamais terem experimentado qualquer substância (i.e., Tabaco, Álcool e Droga). Os restantes 92.35% são incluídos no Grupo 2 porque admitiram já ter experimentado qualquer substância pelo menos uma vez. Quando se analisa o consumo de

apenas uma substância, observa-se que o Álcool é a mais consumida (18.41%), em oposição ao Tabaco (1.72%) e às Drogas (0.00%).

Quando se analisa o consumo simultâneo, o par Álcool/Tabaco sobressai com 45.10%, seguido pelo par Álcool/Drogas com 2.10% e, finalmente, pelo par Tabaco/Drogas com 0.19%. Dentro do segundo grupo, 32.48% dos inquiridos já experimentaram os três tipos de substâncias (Figura 1).

Consumo em função da pertença ao sexo

Dos 130 alunos que constituem o Grupo 1, a esmagadora maioria pertence ao sexo feminino (80.77%) contra os 19.23% do sexo masculino (Tabela 4).

Tabela 4 – Distribuição da variável sexo pelos dois grupos na amostra e pela população do IPB.

Sexo	Amostra				total		IPB	
	Grupo 1		Grupo 2					
Feminino	105	80.77%	1088	69.30%	1193	70.18%	3067	58.23%
Masculino	25	19.23%	482	30.70%	507	29.82%	2200	41.77%

A análise do consumo das diferentes substâncias em função da pertença ao sexo fez-se com recurso à realização de testes do Qui-quadrado baseados nas tabelas de contingência. Relativamente aos resultados obtidos, alerta-se o leitor para o facto de, nas substâncias classificadas como drogas, por não fazer sentido a agregação de classes de consumo adjacentes, as condições de utilização do teste⁹ terem que ser relaxadas, o que retira alguma confiança aos resultados obtidos.

Relativamente ao Tabaco (Tabela 5) é o sexo masculino quem mais o experimenta (79.88% contra os 70.66% do sexo feminino) e também quem mais consome (37.87% contra os 30.43% do sexo feminino) verificando-se, desta forma, a associação entre o nível de contacto com esta substância e o sexo ($\chi^2 = 17.69$, $gl = 2$, $p = 0.0001$).

Tabela 5 – Caracterização do consumo de Tabaco em função do sexo.

Sexo	Caracterização do Consumo					
	1		2		3	
	Nunca experimentei		Experimentei uma vez mas não continuei		Experimentei e continuei	
Feminino	350	29.34%	480	40.23%	363	30.43%
Masculino	102	20.12%	213	42.01%	192	37.87%

No Álcool é, também, o sexo masculino que apresenta maior percentagem de consumo continuado (89.15%) relativamente ao sexo feminino (75.11%), sendo de 5.82% e 8.23%, respectivamente, a diferença percentual entre as raparigas e os rapazes que nunca experimentaram álcool e a diferença percentual dos que apenas experimentaram uma vez (Tabela 6). De realçar os valores mais elevados na percentagem de respostas nos dois últimos níveis por parte dos rapazes. Os resultados sugerem a dependência do padrão de consumo em relação ao sexo ($\chi^2 = 65.59$, $gl = 4$, $p = 0.0000$).

Tabela 6 – Caracterização do consumo de Álcool em função do sexo.

Sexo	Caracterização do Consumo									
	1 Nunca experimentei		2 Experimentei uma vez mas não continuei		3 Bebo mas só às refeições e festas		4 Bebo ocasional- mente		5 Sinto que bebo demasiado	
Feminino	133	11.15%	164	13.75%	280	23.47%	614	51.47%	2	0.17%
Masculino	27	5.33%	28	5.52%	134	26.43%	304	59.96%	14	2.76%

Em ambos os sexos é praticamente inexistente a experiência com Solventes porque cerca de 98% admitem nunca terem experimentado (Tabela 7). As diferenças apresentam-se todas abaixo de um ponto percentual em todos os níveis, não existindo indícios de dependência entre o consumo e o sexo ($\chi^2 = 3.69$, $gl = 4$, $p = 0.4501$).

Tabela 7 - Caracterização do consumo de várias substâncias em função do sexo.

Substância	Sexo	Caracterização do Consumo									
		1 Nunca experimentei		2 Experimentei uma vez mas não continuei		3 Experimento ocasional- mente		4 Experimento regularmente		5 Sinto que estou agarrado	
Solventes	F	1174	98.41%	13	1.09%	5	0.42%	1	0.08%		
	M	500	98.62%	3	0.59%	2	0.39%	1	0.20%	1	0.20%
Tranquilizantes	F	1050	88.01%	61	5.11%	58	4.86%	21	1.76%	3	0.25%
	M	471	92.90%	14	2.76%	19	3.75%	3	0.59%		
Estimulantes	F	1163	97.49%	15	1.26%	12	1.01%	2	0.17%	1	0.08%
	M	482	95.07%	14	2.76%	9	1.78%	2	0.39%		
Cannabis	F	978	81.98%	108	9.05%	80	6.71%	27	2.26%		
	M	308	60.75%	73	14.40%	90	17.75%	32	6.31%	4	0.79%
Heroína	F	1187	99.50%	2	0.17%	4	0.34%				
	M	501	98.82%	5	0.99%	1	0.20%				
Cocaína	F	1183	99.16%	4	0.34%	5	0.42%	1	0.08%		
	M	489	96.45%	9	1.78%	9	1.78%				
Ecstasy	F	1176	98.58%	10	0.84%	5	0.42%	2	0.17%		
	M	475	93.69%	18	3.55%	13	2.56%	1	0.20%		
LSD	F	1178	98.74%	9	0.75%	5	0.42%	1	0.08%		
	M	491	96.84%	9	1.78%	5	0.99%	2	0.39%		

Nota: a célula em branco significa que não houve resposta. Isto é válido para todas as tabelas.

Nos Tranquilizantes regista-se uma maior taxa de experiência por parte do sexo feminino (11.97%) em relação ao sexo masculino (7.1%), tal como um consumo continuado superior (Tabela 7). Assim, os dados apontam para a dependência do nível de consumo de Tranquilizantes em função do sexo ($\chi^2 = 11.10$, $gl = 4$, $p = 0.0254$). De todas as drogas analisadas, os Tranquilizantes/Sedativos formam as únicas substâncias psicoactivas onde o grupo de raparigas apresenta consumos superiores aos rapazes.

Nos Estimulantes o cenário altera-se, é agora o sexo masculino que mais contacta com estas substâncias (4.93% contra os 2.52% do sexo feminino) embora as diferenças sejam menos acentuadas do que no caso dos tranquilizantes. Aliás, o único inquirido que admitiu sentir-se agarrado pertence ao sexo feminino (Tabela 7). Isso faz com que, considerando um nível de significância de 5%, não exista evidência estatística de que o nível de consumo dependa do sexo ($\chi^2 = 7.84$, $gl = 4$, $p = 0.0976$).

A Cannabis é, de todas as substâncias analisadas, a que apresenta diferenças claramente significativas no que toca à experiência e aos hábitos de consumo entre os dois sexos. Trata-se de uma substância mais utilizada pelo sexo masculino, sendo de 39.25% a percentagem dos inquiridos deste sexo que já a experimentaram pelo menos uma vez, enquanto que esse valor é de apenas 18.02% para os inquiridos do sexo feminino. Também os valores de utilização continuada se apresentam substancialmente mais elevados para o sexo masculino (Tabela 7). Os dados apontam para a dependência entre os níveis de consumo da substância em função do sexo ($\chi^2 = 100.37$, $gl = 4$, $p = 0.0000$).

O consumo de Heroína, evidenciado pelos dados recolhidos é praticamente nulo, apenas 6 mulheres (0.5%) e 6 homens (1.18%) admitiram já ter experimentado e nenhum deles admitiu consumi-la regularmente, daí a ausência das categorias (4) e (5) (Tabela 7). Como o valor do qui-quadrado ($\chi^2 = 6.04$, $gl = 2$, $p = 0.0489$) está muito próximo do limite de rejeição da independência a 95%, não será de aceitar a dependência entre o nível de consumo e o sexo.

Quanto à Cocaína, o seu consumo é ligeiramente superior ao da Heroína visto que agora, 0.84% e 3.55% respectivamente dos inquiridos do sexo feminino e do sexo masculino contactaram com a substância. Os valores das percentagens de utilização continuada ocasional são mais elevados no sexo masculino. Regista-se apenas um caso de experiência regular por parte de um inquirido do sexo feminino (Tabela 7). Os resultados apontam para a dependência entre o nível de consumo e o sexo apontam para a diferença de proporções entre os níveis de consumo segundo o sexo ($\chi^2 = 18.28$, $gl = 3$, $p = 0.0004$).

A Ecstasy, tal como a Cocaína, apresenta padrões de consumo superiores no sexo masculino. Dos inquiridos do sexo masculino, 6.31% já a experimentaram pelo menos uma vez, contra 1.42% do sexo feminino. As percentagens de utilização continuada também são superiores para o sexo masculino (Tabela 7). Os resultados apontam para a dependência do consumo em função do sexo ($\chi^2 = 32.24$, gl = 3, $p = 0.0000$).

O LSD apresenta um padrão de consumo muito semelhante em ambos os sexos para todos os quatro níveis (Tabela 7). Como o valor do qui-quadrado ($\chi^2 = 7.52$, gl = 3, $p = 0.0570$) está muito próximo do limite de rejeição da independência a 95%, não será de aceitar a independência entre o nível de consumo e o sexo.

Contextos de iniciação, razões de consumo e de dependência

Na maior parte das substâncias consumidas, os *amigos* constituem o principal contexto social no seio do qual se dá a iniciação ao consumo. Nos solventes, os contextos *amigos* e *sozinho* obtêm a mesma percentagem. Nos Tranquilizantes, o sujeito inicia o consumo *sozinho*, ou então acompanhado por um *familiar*. Na LSD, não parece haver um contexto principal de iniciação ao consumo. Nesta, e em outras substâncias (i.e., Solventes, Estimulantes, Heroína, Cocaína, Ecstasy), as percentagens incidem sobre uma totalidade baixa, tal como se pode ver na coluna **n**, donde, ser necessária prudência na identificação do principal contexto social onde ocorre a iniciação ao consumo (Tabela 8).

Tabela 8 – Contexto social de iniciação ao consumo para todas as substâncias.

Substância	Iniciação					n
	Namorado	Amigos	Colegas	Familiar	Sozinho	
Tabaco	2.00%	66.83%	20.51%	2.88%	7.69%	1248
Álcool	2.08%	65.91%	17.47%	11.95%	1.23%	1540
Solventes		30.77%	19.23%	11.54%	30.77%	26
Tranquilizantes		4.47%	3.35%	30.73%	58.66%	179
Estimulantes	3.64%	65.45%	14.55%	7.27%	9.09%	55
Cannabis	4.35%	70.53%	20.53%	1.69%	2.90%	414
Heroína	16.67%	66.67%	16.67%			12
Cocaína	10.71%	64.29%	10.71%	3.57%		28
Ecstasy	4.08%	73.47%	18.37%	2.04%		49
LSD	12.90%	3.23%		16.13%	12.90%	31

Quanto ao local de iniciação ao consumo, verificamos que a *escola* é o contexto mais referido no Tabaco e nos Solventes. O *bar/discoteca* é local de iniciação para o Álcool, Estimulantes, Ecstasy e LSD. Nos Tranquilizantes, a iniciação dá-se em *casa*, enquanto que na Cannabis e na Cocaína a iniciação é em *casa de amigos*. Na Heroína, a iniciação ao consumo dá-se na *rua*. Também é necessário alguma cautela nestes resultados, dado o reduzido número de respostas em algumas substâncias (i.e., Solventes, Estimulantes, Heroína, Cocaína, Ecstasy, e LSD) (Tabela 9).

Tabela 9 – Local de iniciação ao consumo para todas as substâncias.

Substância	Local							n
	Café	Escola	Casa	Casa de Amigos	Disco/Bar	Rua	Outra	
Tabaco	17.23%	32.37%	12.26%	7.93%	13.46%	13.14%	3.13%	1248
Álcool	23.25%	2.21%	16.17%	12.08%	43.70%		2.08%	1540
Solventes	11.54%	34.62%	23.08%		7.69%	15.38%		26
Tranquilizantes	1.12%	0.56%	90.50%	1.68%	0.56%	2.79%		179
Estimulantes		9.09%	10.91%	12.73%	54.55%	12.73%		55
Cannabis	1.69%	12.56%	8.45%	34.30%	11.35%	31.64%		414
Heroína			33.33%	25.00%		41.67%		12
Cocaína			7.14%	42.86%	7.14%	32.14%		28
Ecstasy	2.04%			4.08%	81.63%	8.16%		49
LSD			3.23%		32.26%	16.13%		31

No que diz respeito à razão subjectiva da experiência do consumo, a primeira é a *curiosidade*, excepto nos Tranquilizantes em que a grande razão assinalada é *dormir e descansar*. Em segundo lugar, e para a maioria das substâncias, vem a razão sentir *sensações agradáveis*. No Tabaco e Cocaína a segunda razão é *ver outros experimentar*, ao passo que na Heroína, a segunda razão é *fugir de problemas*. Não obstante a prudência já referida, talvez se possa falar na *curiosidade* e no *prazer* como as razões principais que desencadeiam, aos olhos dos sujeitos, o início do consumo (Tabela 10).

Tabela 10 – Razões de experiência em todas as substâncias.

Substância	Ver Outros experimental	Razões				n
		Curiosidade	Sentir Sensações Agradáveis	Dormir e descansar	Fugir de Problemas	
Tabaco	10.1%	76.1%				1248
Álcool		62.7%	11.6%			1540
Solventes		46.2%	19.2%			26
Tranquilizantes				48.0%		179
Estimulantes		69.1%	18.2%			55
Cannabis		71.7%	17.6%			414
Heroína		50.0%			25.0%	12
Cocaína	17.9%	42.9%				28
Ecstasy		60.0%	26.0%			49
LSD		45.2%	32.3%			31

A coluna **n** da Tabela 11 mostra o número de sujeitos que admitem a dependência. A sua análise permite concluir que, à exceção do Tabaco, apenas uma minoria admite estar dependente. Nesta substância, a razão mais referida é *aliviar o stress*. Nos Tranquilizantes as razões mais referidas são *ser doente* e *outra* (neste caso, a mais identificada foi a *prescrição médica*). Na Cannabis é a *opção de vida* a razão mais assinalada para explicar a dependência. Para todas as restantes, a razão mais referida é *sentir sensações agradáveis*. Ou seja, os sujeitos inquiridos admitem que a dependência está ligada, regra geral, a uma dinâmica de procura do prazer (Tabela 11).

Tabela 11 – Razões para a dependência para todas as substâncias.

Substância	Razões da Dependência						VR	n
	Sentir Sensações Agradáveis	Não conseguir parar	Aliviar o stress	Ser doente	Opção de vida	Outra		
Tabaco	18.2%	24.5%	41.8%					445
Álcool	72.2%	5.6%				8,3%		36
Solventes	50.0%					50.0%		2
Tranquilizantes	6.7%			60.0%		20.0%		15
Estimulantes	60.0%			20.0%		20.0%		5
Cannabis	61.5%				28,2%	7.69%		39
Heroína							100%	1
Cocaína	66.7%							3
Ecstasy	50.0%				50.0%			4
LSD	50.0%						50.0%	2

Idade de Início do Consumo das Substâncias

No que respeita à idade do primeiro contacto, atendendo à forma das distribuições observadas e representadas no Gráfico 1 (p. 23), as substâncias podem classificar-se em três grupos distintos:

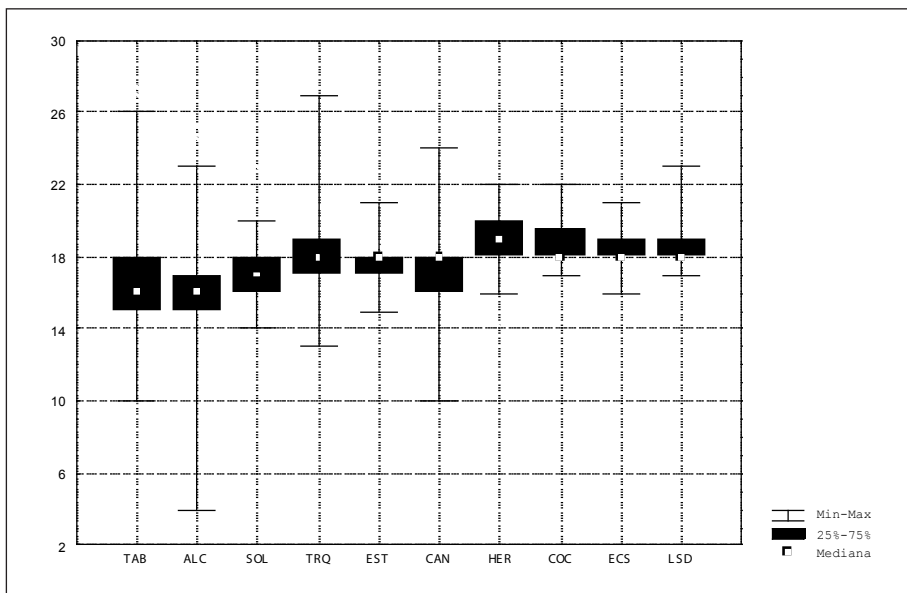
1º Grupo – Álcool, Tabaco e Solventes;

2º Grupo – Cannabis e Estimulantes;

3º Grupo – Tranquilizantes, Heroína, Cocaína, Ecstasy e LSD.

As substâncias pertencentes ao 1º Grupo são aquelas com as quais o contacto é mais precoce (valor da mediana abaixo dos 18 anos), provavelmente pela sua facilidade de obtenção e, provavelmente com a excepção dos solventes, por serem socialmente toleráveis. O 2º Grupo inclui as substâncias em que a idade de início ocorre em idades muito próximas dos 18 anos (valor da mediana próximo do terceiro quartil).

Gráfico 1 – Distribuição da idade.



Por fim, o 3º Grupo inclui as substâncias em que o contacto tem maioritariamente início em idades superiores aos 18 anos; os Tranquilizantes constituirão o limite inferior e a Heroína, o superior.

Na classificação sugerida pela forma das distribuições é clara a transição entre as substâncias de aquisição fácil e custo reduzido e as substâncias de aquisição mais difícil, custo elevado e socialmente menos toleráveis.

Estes padrões de resultados concordam, em termos gerais, com os apontados em outros estudos (cf., Negreiros, 1996; Mohler Kuo, 2003.) No entanto, se compararmos as médias de idade de iniciação ao consumo encontradas no estudo de Negreiros (1996), numa amostra de estudantes do ensino secundário, com as mesmas médias encontradas no nosso estudo, concluímos que há nos estudantes do IPB uma iniciação ao consumo mais tardia no Tabaco, Álcool e Solventes (Tabela 12).

Tabela 12 – Idade de iniciação ao consumo.

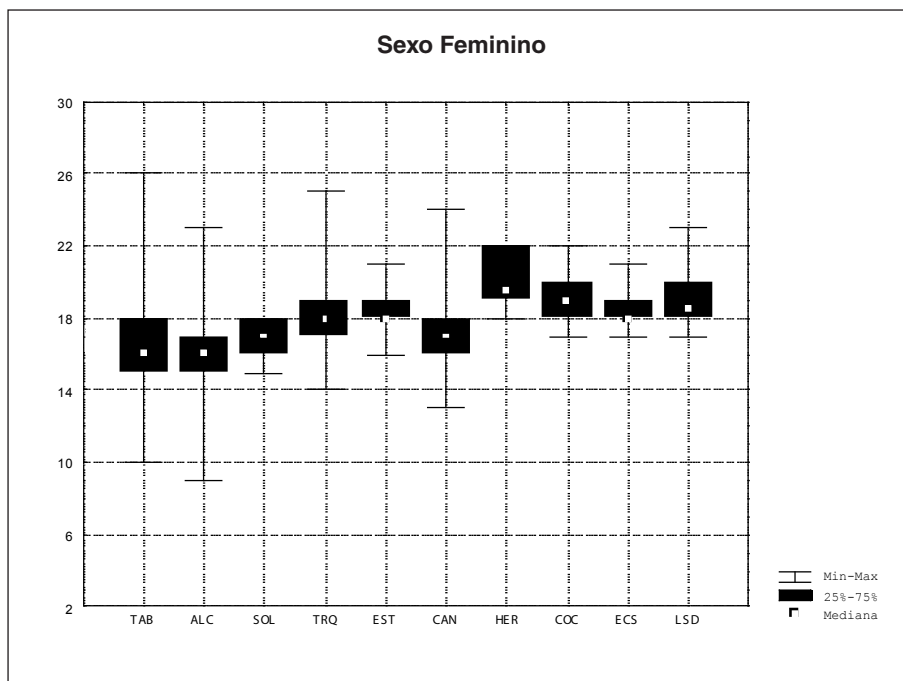
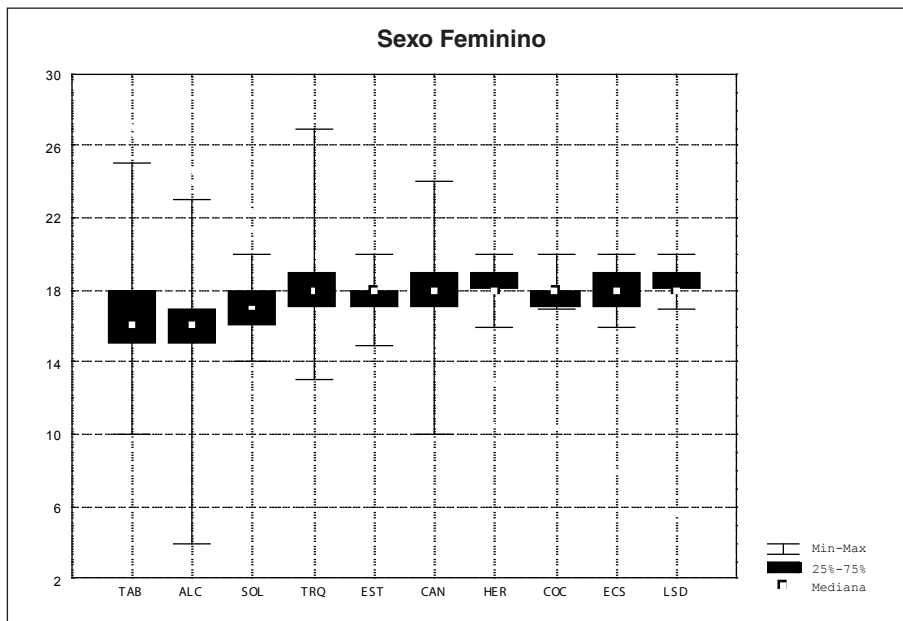
Substância	Idade		N	Negreiros(1996)
	Média	Desvio Padrão		Média
Tabaco	16.36	2.24	666	12.4 F 13 M
Álcool	16.12	1.89	1401	13.1
Solventes	17.80	1.41	25	9.2 F 10.1 M
Tranquilizantes	18.07	1.93	176	
Estimulantes	17.85	1.09	55	
Cannabis	17.59	1.84	398	10.7 F 13.5 M
Heroína	19.08	1.73	12	
Cocaína	18.61	1.29	28	
Ecstasy	18.42	1.22	45	
LSD	18.60	1.34	23	

N - efectivo dos respondentes no nosso estudo; F e M – respectivamente sexo feminino e masculino

Idade de Início do consumo das Substâncias em função do Sexo

Comparando os dois gráficos em abaixo, conclui-se não existirem diferenças significativas na idade de início de contacto com o Tabaco, o Álcool, os Solventes e os Tranquilizantes. Nas restantes substância, à excepção da Cannabis, em que a situação é oposta, verifica-se que a idade de início do contacto se apresenta ligeiramente inferior para o sexo feminino.

Gráfico 2 – Idade de início do consumo para ambos os sexos.



Idade de Início em função do Local de Origem

No que toca à idade de início em função do local de origem, apenas se faz referência às substâncias classificadas anteriormente como pertencentes ao 1º Grupo, visto serem aquelas com as quais a maioria dos alunos já terá contactado antes da sua entrada no IPB. Assim, e para as três substâncias, observa-se um comportamento similar entre os alunos oriundos do distrito de Bragança e os restantes alunos. O mesmo já não se verifica com os Solventes, dado que os alunos do distrito de Bragança registam contactos mais precoces em relação aos restantes.

Influência do Local de Origem nos Níveis de Satisfação com a Cidade e com o Curso

Da leitura das tabelas de contingência e da análise dos testes do qui-quadrado realizados, pode dizer-se que os níveis de satisfação estarão relacionados com a distância entre o Local de Origem e o IPB (Tabela 13 e Tabela 14).

Tabela 13 – Local de origem e satisfação com a Cidade.

Local de Origem	Satisfação com a Cidade				
	1 Muito Satisfeito	2 Satisfeito	3 Assim-Assim	4 Desanimado	5 Muito Desanimado
Distrito de Bragança	181	264	120	14	1
	31.21%	45.52%	20.69%	2.24%	0.17%
Fora do Distrito	146	497	364	70	20
	13.31%	45.31%	33.18%	6.38%	1.82%

Os níveis de insatisfação com a Cidade ($\chi^2 = 103.02$, $gl = 4$, $p = 0.0000$), assim como os níveis de insatisfação com o Curso ($\chi^2 = 12.02$, $gl = 4$, $p = 0.0172$) serão menores para os alunos provenientes do distrito de Bragança.

Tabela 14 - Local de origem e satisfação com o Curso.

Local de Origem	Satisfação com o Curso				
	1 Muito Satisfeito	2 Satisfeito	3 Assim-Assim	4 Desanimado	5 Muito Desanimado
Distrito de Bragança	172	291	103	15	7
Fora do Distrito	29.25%	49.49%	17.52%	2.55%	1.19%
	244	617	203	36	10
	21.98%	55.59%	18.29%	3.24%	0.90%

Prevalências de Consumo das diferentes Substâncias

A análise relativa ao consumo das diferentes substâncias por parte dos alunos é feita em três períodos de tempo - ao longo de toda a vida (LV), último ano (UA), último mês (UM) – e considerando seis valores para a estimação da frequência – de Nunca Usei a ≥ 40 vezes. (Tabela 15).

Tabela 15 – Frequências de consumo por Substância e Prevalência.

Substância	Prevalência	Nunca usei	1-4 vezes	5-9 vezes	10-19 vezes	20-39 vezes	≥ 40 vezes
Tabaco	LV	26.65%	16.75%	7.08%	7.49%	5.31%	36.73%
	UA	47.82%	12.09%	5.31%	3.60%	2.89%	28.30%
	UM	60.32%	8.67%	3.48%	3.42%	4.30%	19.81%
Álcool	LV	9.38%	10.73%	7.72%	13.56%	13.86%	44.75%
	UA	17.91%	21.57%	15.62	14.08%	10.25%	20.57%
	UM	40.01%	34.24%	10.72%	7.96%	3.01%	4.07%
Estimulantes	LV	96.82%	1.83%	0.47%	0.29%	0.06%	0.53%
	UA	98.11%	0.71%	0.47%	0.29%	0.06%	0.35%
	UM	99.06%	0.41%	0.12%	0.18%	0.06%	0.18%
Tranquilizantes	LV	89.50%	3.19%	1.71%	1.83%	1.24%	2.54%
	UA	93.40%	3.54%	0.65%	0.71%	0.29%	1.41%
	UM	96.52%	2.06%	0.35%	0.29%	0.41%	0.35%
Cannabis	LV	75.63%	9.24%	3.35%	2.88%	2.47%	6.42%
	UA	86.09%	5.54%	1.94%	1.41%	1.71%	3.30%
	UM	90.98%	4.54%	1.06%	1.18%	0.77%	1.47%

Heroína	LV	99.29%	0.35%	0.06%	0.00%	0.06%	0.24%
	UA	99.71%	0.18%	0.00%	0.06%	0.00%	0.06%
	UM	99.82%	0.00%	0.06%	0.12%	0.00%	0.00%
Cocaína	LV	98.35%	0.88%	0.18%	0.35%	0.06%	0.18%
	UA	99.18%	0.47%	0.24%	0.12%	0.00%	0.00%
	UM	99.65%	0.29%	0.00%	0.00%	0.06%	0.00%
Ecstasy	LV	97.11%	1.89%	0.35%	0.29%	0.12%	0.24%
	UA	98.59%	0.77%	0.35%	0.29%	0.00%	0.00%
	UM	99.29%	0.53%	0.06%	0.06%	0.00%	0.06%
LSD	LV	98.17%	1.12%	0.18%	0.18%	0.18%	0.18%
	UA	99.18%	0.41%	0.29%	0.06%	0.00%	0.06%
	UM	99.47%	0.53%	0.00%	0.00%	0.00%	0.00%

*As percentagens estão calculadas em relação ao total de inquiridos (1700).

A partir da Tabela 15 é possível determinar o valor de cada prevalência. Basta, para o efeito, calcular a diferença entre 100% e cada valor da coluna Nunca Usei. É, precisamente, o que se apresenta na Tabela 16.

Tabela 16 – Valores ordenados das três Prevalências em cada substância¹⁰.

Substância	ao longo da vida (LV)	último ano (UA)	último mês (UM)
Álcool	90.62%	82.09%	59.99%
Tabaco	73.35%	52.18%	39.68%
Cannabis	24.37%	13.91%	9.02%
Tranquilizantes	10.50%	6.60%	3.48%
Estimulantes	3.18%	1.89%	0.94%
Ecstasy	2.89%	1.41%	0.71%
LSD	1.83%	0.82%	0.53%
Cocaína	1.65%	0.82%	0.35%
Heroína	0.71%	0.29%	0.18%

A Tabela 16 mostra imediatamente que o Álcool é a substância mais consumida pelos estudantes do IPB (LV = 90.62%, UA = 82.09% e UM = 59.99%). Estes valores são semelhantes aos encon-

trados por outros investigadores. Negreiros (1996) encontrou numa amostra de estudantes do ensino secundário (N = 969) que o consumo de Álcool é muito habitual, referindo uma prevalência de 47%. Andrade et. al. (1996), através de um estudo realizado na universidade de São Paulo (N = 2564), registaram LV = 90%. Por sua vez, Salgado (2000), numa amostra de 1135 estudantes universitários do distrito de Vila Real, apresentou LV = 93.00% para o sexo masculino e LV = 82.20% para o sexo feminino. Preto (2003), a partir de uma amostra de 450 estudantes do ensino superior público e privado do distrito de Bragança, encontrou que LV = 94.70%, UA = 88.00% e UM = 66.90%. Pendergast (1994) realizou uma revisão da literatura, sobre esta matéria, publicada entre 1980 e 1992. O autor concluiu que o Álcool é, de todas as substâncias lícitas e ilícitas, a mais consumida pelos estudantes. Constatou, ainda, que, em diversos estudos, as prevalências registaram diminuições ligeiras, mas que a média de UA era de 90.00%. No presente estudo, encontramos diferenças significativas nas três prevalências em função do sexo. Assim, os rapazes têm uma maior prevalência de consumo em:

LV ($\chi^2 = 142.66$; gl = 5; p = 0.0000);

UA ($\chi^2 = 196.67$; gl = 5; p = 0.0000);

UM ($\chi^2 = 178.06$; gl = 5; p = 0.0000).

O Tabaco é a segunda substância mais consumida pelos estudantes (LV = 73.35%, UA = 52.18% e UM = 39.68%). No estudo de Negreiros (1996) apresenta LV = 39.00%, UA = 24.00% e UM = 16.00%. O estudo de Salgado (2000) apresentou LV = 53.70%, por sua vez, Preto (2000) encontrou LV = 61.60%, UA = 44.90% e UM = 36.70%. Comparados com estes dados, os do nosso estudo apontam para um aumento das três prevalências. No que respeita ao sexo, também encontramos diferenças significativas no consumo em LV ($\chi^2 = 23.830$; gl = 5; p = 0.000), UA ($\chi^2 = 31.503$; gl = 5; p = 0.000) e UM ($\chi^2 = 22.153$; gl = 5; p = 0.000).

A Cannabis é a terceira substância mais consumida e a primeira das substâncias ilícitas (LV = 24.37%, UA = 13.91%, UM = 9.02%). Esta tendência é registada em vários estudos internacionais. Contudo, as taxas de prevalência variam de uma região geográfica para outra. Estudando a população estudantil universitária norte-americana, Mohler-Kuo, Lee & Wechsler (2003) apresentaram um aumento nas três prevalências, desde 1993 até 2001. Assim, se em 1993 estes investigadores obtiveram LV = 41.30%, UA = 23.20% e UM = 12.50%, em 2001 já obtiveram LV = 47.20%, UA = 29.70% e UM = 16.90%. Para o espaço europeu, e para alunos do ensino secundário, os resultados obtidos pelo ESPAD (2003) mostraram que as prevalências variam muito conforme o país. Assim para LV os valores oscilam entre 3.00% (Roménia) e 44.00% (República Che-

ca), para UM, os valores oscilam entre 0.00% (Roménia) e 22.00% (França). Em Portugal, os valores apresentados são LV = 15.00% e UM = 8%. Negreiros (1996) encontrou LV = 3.00% para o nível de ensino secundário. No que respeita à população de estudantes do ensino superior, Andrade et al. (1996) encontraram LV = 20.60%, Salgado (2000) encontrou LV = 22.50% no sexo masculino e LV = 9.00% no sexo feminino. Mais perto de nós, Preto (2003) apresentou LV = 19.10%, UA = 12.00% e UM = 6.70%. Estes últimos dados mostram que o presente estudo regista um aumento da prevalência da Cannabis, ainda que distante das taxas apresentadas no estudo de Mohler-Kuo, Lee & Wechsler (2003).

Os Tranquilizantes representam a quarta substância mais consumida (LV = 10.50%, UA = 6.60%, UM = 3.48%). Goodwin & Hasin (2002), encontraram numa amostra da população geral dos EUA, cujas idades estavam compreendidas no intervalo [15, 54], uma LV = 7.10% para Tranquilizantes não prescritos. Por sua vez, Mohler-Kuo, Lee & Wechsler (2003) apresentam UA = 4.60% e UM = 1.60%, referente ao ano de 2001. Negreiros (1996) apresenta uma LV = 7.20%. Por sua vez, Preto (2003) apresentou LV = 13.30%, UA = 10.40% e UM = 3.80%. Os dados deste último investigador, permitem afirmar a diminuição da prevalência desta substância junto dos estudantes do IPB, embora com consumos superiores aos dos estudantes do ensino secundário e aos dos estudantes universitários norte-americanos.

Em seguida, vem o consumo dos Estimulantes com as seguintes taxas: LV = 3.18%, UA = 1.89% e UM = 0.94%. Mohler-Kuo, Lee & Wechsler (2003) apresentam UA = 1.03% e UM = 2.78% para o ano 2001. Sobre os alunos do ensino secundário, Negreiros (1996) apresenta uma LV = 3.00%. O estudo de Preto (2003) apresenta as três prevalências para esta substância com os seguintes valores: LV = 2.90%, UM = 1.10% UA = 0.40%. Comparados com o presente estudo e dada a proximidade das amostras, podemos afirmar um ligeiro aumento no consumo desta substância junto dos estudantes do IPB, ainda que inferior ao consumo dos seus colegas norte-americanos

No que respeita às restantes substâncias (todas ilícitas) a ordem decrescente de Prevalência é: Ecstasy, LSD, Cocaína, e Heroína.

No nosso estudo, a Ecstasy apresenta LV = 2.89%, UA = 0.71%. e UM = 1.41%. O relatório ESPAD 2003 apresenta para a Ecstasy em Portugal LV = 4.00%. A comparação dos nossos dados com os do estudo de Mohler-Kuo, Lee & Wechsler (2003), aponta para um consumo mais reduzido por parte dos estudantes do IPB porque estes investigadores apresentam UA = 7.13% e UM = 2.30%.

Quanto à LSD encontramos LV = 1.83%, UA = 0.82% UM

= 0.35%, o que significa, em comparação com o estudo de Mohler-Kuo, Lee & Wechsler (2003) ao apresentarem UA = 3.28% e UM = 0,87%, uma diminuição nos estudantes do IPB.

Quanto à Cocaína, o consumo parece ser muito diminuto ao nível do ensino secundário, dado que LV = 0.05% (Negreiros, 1996). No nosso estudo, encontrámos LV = 1.65%, UA = 0.82% e UM = 0.35%. Comparando estes resultados com a taxa de 1.30% apresentada por Salgado (2000), temos a possibilidade de um aumento no consumo desta substância em LV. Comparando com os dados do estudo de Mohler-Kuo, Lee & Wechsler (2003) que apresentam UA = 3.79% e UM = 1.68% verificamos uma diminuição.

Finalmente, quanto à Heroína, registamos LV = 0.71%, UA = 0.29% e UM = 0.18%. No ensino secundário o seu consumo é muito baixo, Negreiros (1996) apresenta 0.05%. No que respeita a estudantes do ensino superior, Sabino (2000) encontrou LV = 0.5% e Salgado (2000), apresenta LV = 1.3%. Estes dados sugerem que a prevalência de Heroína na nossa amostra é mais baixa do que na amostra mais próxima (i.e., Salgado 2000). Comparando com os dados de Mohler-Kuo, Lee & Wechsler (2003) que apresentam UA = 0.29% e UM = 0.11%, também se pode afirmar a ligeira diminuição.

Natureza dos consumos e outros aspectos

A análise da Tabela 15 (p. 27) apresenta a ocorrência de um determinado padrão de resultados que consiste na diminuição da taxa quando se compara, em cada substância, o valor da prevalência mais antiga (i.e., LV) com o valor da mais recente (i.e., UM). O padrão verifica-se em todas as substâncias para quase todas as frequências que indicam consumo. As únicas exceções são: no Álcool aumenta nas frequências 1-4 e 5-9 vezes; nos Estimulantes é constante na frequência 20-39 vezes (i.e., 0.06%); na Heroína aumenta ligeiramente nas frequências 5-9 e 10-19 vezes. Nas restantes frequências indicadoras de consumo regista-se sempre a diminuição. O facto de a taxa de prevalência diminuir de LV para UM e, na maioria dos casos, de UA para UM, pode indicar que nem todos os consumos são de abuso ou de dependência porque, se o fossem, tais taxas de prevalência não deviam variar. Esta tendência da diminuição da taxa de prevalência mais recente (i.e., UM) em relação às anteriores (i.e., LV, UA) corrobora a ideia, defendida por alguns investigadores, de o consumo de drogas poder ser apenas um consumo recreativo (Nicholson, Duncan & White, 2002). Ora, considerando esta possibilidade, então as taxas de prevalência não indicam apenas consumos problemáticos. No entanto, para termos uma aproximação ao carácter problemático de qualquer consumo, utilizámos o critério de consumo diário definido pela frequência ≥ 20 em UM.

Tabela 17 – Taxa de consumo diário por substâncias.

	Taxa de consumo diário
Tabaco	24.11%
Álcool	7.08%
Cannabis	2.24%
Tranquilizantes	0.76%
Estimulantes	0.24%
Ecstasy	0.06%
Cocaína	0.06%
LSD	0.00%
Heroína	0.00%

De acordo com a Tabela 17, o Tabaco é a substância mais consumida diariamente e a Cannabis é a substância ilícita mais consumida. As substâncias ilícitas Heroína e LSD não têm qualquer consumo diário e parecem ter dado lugar à Ecstasy e à Cocaína.

No que respeita ao Tabaco, e de acordo com a Tabela 11 (p. 22, coluna n), 26.22% dos sujeitos admite a sua dependência. A diferença entre esta percentagem e a taxa de consumo diário (24.11%) pode ser explicada pela aceitação da crítica social e da auto-crítica em relação a qualquer padrão de consumo. Quanto ao número de cigarros por dia, encontramos variações entre 1-40, $M = 12.22$ e $\text{moda} = 10$. Analisando as frequências acumuladas, constatamos que 22.75% fumam até 20 cigarros, o que representa 1 maço por dia. Em termos de sexo, o feminino fuma em média 11 cigarros e o masculino 14.

Quanto ao Álcool, já é menor a percentagem que admite um consumo excessivo porque 0.90% responde “Sinto que bebo demasiado” (Tabela 6, p. 17) e 2.12% responde às razões sobre a dependência desta substância (Tabela 11, p. 22). 50.00% dos estudantes referem que jamais se embebedaram. O valor máximo registado foi o de um estudante que admitiu 1800 bebedeiras. Em média, os estudantes referem 8.60 bebedeiras. No entanto, a dispersão é muito forte porque o desvio padrão é de 73.47. Acresce ainda que 8.00% dos estudantes relatam 20 ou mais bebedeiras. Em termos de sexo, a média é 2.44 nas raparigas e 21.37 nos rapazes o que representa uma diferença significativa ($t = 3.14$, $p < 0.0018$). Esta diferença concorda com as encontradas em outros estudos, onde é atribuída à tipificação sexual que faz perceber a embriaguez tolerável nos homens e censurável nas mulheres (e.g., Wilsnack & Wilsnack, 1997).

Detenhamo-nos um pouco na importância atribuída à busca de embriaguez como factor preditivo na utilização de drogas (cf.,

Choquet et. al., 1998). Machado Rodrigues et al. (1994) constataram, nos adolescentes do seu estudo, a associação entre as taxas elevadas de consumo de Álcool e o risco do consumo de drogas. Também podemos retirar uma conclusão muito idêntica nosso estudo: os estudantes que nunca consumiram drogas ilícitas mas consumiram Álcool, embriagaram-se em média 3.65 vezes, enquanto que os que consumiram ambas as substâncias embriagaram-se 21.00 vezes, o que representa uma diferença significativa ($t = 2.69, p < 0.0075$).

Drogas utilizadas por conhecidos

Uma das questões colocadas pretendia saber o número de pessoas conhecidas dos sujeitos que utilizam drogas.

Tabela 18 – Pessoas conhecidas que usam drogas.

Quantas pessoas das suas relações usam drogas?	Resultados	
Nenhuma	766	46.91%
Poucas	542	33.19%
Algumas	239	16.64%
Muitas	72	4.41%
Quase Todas	14	0.86%

A Tabela 18 mostra que a maioria dos estudantes (53.09%) refere que conhecidos seus usam drogas.

Narrativa Protótipo

A NP configura um conjunto de significações sobre um protagonista que se vê numa situação pública, onde surge um acontecimento incontrolável, que, por sua vez, vai desencadear uma dinâmica de evitamento de dor e procura de prazer e à qual não consegue escapar, originando um sentimento de perda social e de perda do poder pessoal. Ou seja, de acordo com Alves (2000) trata-se de uma história típica de dependentes de heroína. Ainda de acordo com aquele autor, há uma diferença significativa entre sujeitos dependentes de heroína e sujeitos sem história desta dependência quanto ao grau de relação entre a NP e a vida. Os dependentes de heroína reconhecem um grau elevado nesta relação.

Os resultados da NP obtidos no presente estudo, mostram que a maioria dos estudantes não reconhece qualquer grau de relação entre a NP e a sua vida. Este resultado está conforme com o esperado (Tabela 19). Ou seja, o nível de consumos de drogas no campus não seria de tal modo extenso e grave que emergisse nos sujeitos uma identidade de dependente.

Tabela 19 – Grau de relação entre a NP e a vida.

Grau de Relação	Resultados	
1 - nenhuma relação com a minha vida	1050	62.95%
2 - alguma relação com a minha vida	559	33.51%
3 – tem relação com a minha vida	45	2.70%
4 – muita relação com a minha vida	13	0.78%
5 – total relação com a minha	1	0.06%

Deve esclarecer-se que a identidade dependente baseada na NP foi construída com base em amostras de sujeitos com dependência de heroína e que a investigação mostra não poder ser generalizável à dependência de outras substâncias, como, por exemplo, o álcool (Gonçalves, Alves, Soares, & Duarte, 1996).

Se cruzarmos os resultados da NP com os vários tipos de experiência (Tabela 20) verificamos que:

- haverá dependência entre o tipo de consumo de Tabaco, Cannabis, Heroína e Ecstasy e a relação da NP com a vida;
- no caso de Tranquilizantes e Cocaína, haverá uma dependência fraca;
- quanto ao Álcool, Solventes, Estimulantes e LSD haverá independência.

Tabela 20 – Qui-quadrado para tipo de experiência x NP.

Tipo de Experiência x NP			
	χ^2	gl	p
Grupo 1 / Grupo 2	2.30	4	= 0.6813
Tabaco	25.94	8	< 0.0001
Álcool	15.44	16	= 0.4929
Solventes	2.89	16	= 0.9999
Tranquilizantes	26.58	16	= 0.0464
Estimulantes	13.24	16	= 0.6551
Cannabis	38.08	16	= 0.0015
Heroína	41.27	8	= 0.0003
Cocaína	22.31	12	= 0.0342
Ecstasy	33.56	12	= 0.0008
LSD	17.49	12	= 0.1321

Estes valores corroboram a ideia de a identidade dependente diferir conforme a substância ou tipos de substância. O Tabaco poderá dar a pista de que a variável crucial para haver grau elevado de reconhecimento da NP com a vida é a auto-aceitação da dependência, dado que nesta substância facilmente se admite (Tabela 11, p. 22)

A independência entre a pertença ou ao grupo 1 ou ao grupo 2 e a NP e a independência entre o IACLIDE e a NP (cf., parágrafo seguinte) sugerem que o reconhecimento da relação entre a NPe a vida pode ser atribuído a outros aspectos (e.g., sentimento e perda social e pessoal) não exclusivos nem do consumo nem da dependência. Há, pois, a necessidade de esclarecimentos ulteriores sobre o que avalia a NP. Aliás, uma das possibilidades, é interpretar a dependência de drogas como processos discursivos partilhados entre dependentes e outros significativos (cf., Ramos, 2002). Em todo o caso, fica o resultado global: a larga maioria dos estudantes do IPB não identifica qualquer relação entre a NP e as suas próprias vidas.

IACLIDE

O IACLIDE foi preenchido por 1427 sujeitos¹¹. Além dos valores constantes na tabela, obtivemos $M = 12.18$ e $DP = 10.80$.

Tabela 21 - Distribuição dos valores obtidos no IACLIDE.

Graus	Casos	%
Normal	1151	80.66%
Depressão Leve	212	14.86%
Depressão Moderada	50	3.50%
Depressão Grave	14	0.98%

Estes valores descritivos são mais elevados que outros obtidos em amostras de estudantes universitários submetidos ao BDI (Endler, Rutherford & Denisoff, 1999, obtiveram $M = 9.30$ e $DP = 7.32$ com $N = 565$; Whisman, Perez & Ramel, 2000, $M = 8.36$, $DP = 7.16$ com $N = 576$). Se compararmos a distribuição do tipo de valores com a encontrada por Whisman, Perez & Ramel (2000) encontramos semelhanças e diferenças.

Tabela 22 - Distribuições comparativas do tipo de valores no IACLIDE e no BDI.

Tipo de Valores	Presente Estudo	Whisman, Perez & Ramel (2000)
Normal	80.66%	80.20%
Depressão Leve	14.86%	12.5%
Depressão Moderada	3.50%	5.70%
Depressão Grave	0.98%	1.60%

Assim, os valores normais representam 80% em ambos os estudos. As diferenças residem nos valores de depressão. No nosso estudo há uma maior predominância do grau leve, enquanto que no estudo daqueles autores há maior predominância dos graus moderada e grave. Como conclusão global, e não obstante os problemas que o auto-relato levanta (Hunt, Auriemma, & Cashaw, 2003), podemos dizer que cerca de 19.00% dos estudantes do IPB têm valores no IACLIDE que carecem de apoio psicológico adequado.

Influência do consumo das diferentes substâncias no IACLIDE

Da análise das tabelas de contingência que cruzam os diferentes níveis de consumo de cada uma das substâncias e os níveis do IACLIDE registam-se apenas dependências destes últimos com os níveis de consumo de Álcool ($\chi^2 = 15.54$; gl = 6; $p = 0.0165$), Tranquilizantes ($\chi^2 = 29.68$; gl = 6; $p = 0.0000$) e Estimulantes ($\chi^2 = 27.26$; gl = 3; $p = 0.0001$). Aos níveis mais elevados do IACLIDE corresponderão níveis de consumo mais elevados dessas substâncias.

Influência no IACLIDE de outros Factores

No que diz respeito à influência do Sexo, dos valores de APGAR, da Satisfação com o Curso, Satisfação com a Cidade e o Desempenho Académico no nível de depressão, os elementos recolhidos apontam para a não independência:

- o sexo feminino será mais propenso a depressões ($\chi^2 = 12.03$; gl = 3; $p = 0.0073$);
- quanto maior o valor de APGAR, maior será o nível de depressão ($\chi^2 = 71.71$; gl = 6; $p = 0.0000$);
- a valores mais elevados de insatisfação com o Curso estarão associados níveis de depressão maiores ($\chi^2 = 74.03$; gl = 12; $p = 0.0000$);
- a valores mais elevados de insatisfação com a Cidade, maiores os níveis de depressão ($\chi^2 = 44.34$; gl = 12; $p = 0.0000$);

- quanto pior o Desempenho Académico, maior o nível de depressão ($\chi^2 = 28.57$; gl = 12; $p = 0.0008$).

Quanto à relação da narrativa com a vida e o valor do IA-CLIDE, os resultados também apontam para que estejam relacionados: quanto maior for a relação da narrativa com a vida, maior será o valor do IA-CLIDE ($\chi^2 = 150.83$; gl = 12; $p = 0.0000$). Quanto ao local de origem ($\chi^2 = 0.69$; gl = 3; $p = 0.8751$), a existência ou não de repetições de ano ($\chi^2 = 5.77$; gl = 3; $p = 0.1234$) e a realização de actividades de tempos livres ($\chi^2 = 3.79$; gl = 3; $p = 0.2851$), apresentam-se independentes em relação ao nível de depressão.

Opiniões sobre o fenómeno da droga

A Tabela 23 contém a frequência de opiniões em relação às 13 afirmações por parte daqueles que já tiveram alguma experiência com drogas e por aqueles que nunca a tiveram. Da análise da tabela regista-se uma posição clara de abertura e tolerância ao problema da droga, tida como continuar sempre presente em todas as sociedades pela esmagadora maioria dos inquiridos de cada grupo (96.83% para os que já experimentaram e 95.31% para os restantes). A droga também não é considerada como uma doença incurável nem pelos que já a experimentaram ou consomem (86.64%), nem pelos que nunca contactaram com ela (87.61%). Também não serão os problemas familiares a causa do consumo (69.62% e 75.19% respectivamente para quem nunca experimentou e para os restantes), nem será a pena de morte a solução para combater os grandes traficantes (69.96% e 72.54% respectivamente para quem nunca experimentou e para os restantes). Os consumidores de drogas também não são considerados como pessoas agressivas (67.42% e 61.50% respectivamente para quem já experimentou e para os restantes).

Tabela 23 – Opiniões sobre as drogas.

	Afirmação	Experimentou Drogas		Não Experimentou Drogas	
		Não	Sim	Não	Sim
a)	O estado não consegue acabar com os traficantes de drogas.	274 50.65%	267 49.35%	553 48.85%	579 51.15%
b)	As drogas leves e duras deverão continuar proibidas.	241 44.88%	296 55.12%	352 31.07%	781 68.93%
c)	As drogas leves deveriam ser de venda e consumo livre.	168 31.23%	370 68.77%	610 53.89%	522 46.11%
d)	Ninguém deveria ser preso só por ser toxicodependente.	198 36.80%	340 63.20%	453 40.05%	678 59.95%
e)	Toda a droga deveria ser vendida em farmácias.	303 56.22%	236 43.78%	654 58.08%	472 41.92%

f)	A toxicodependência é uma doença incurável.	467 86.64%	72 13.36%	990 87.61%	140 14.14%
g)	Os problemas familiares são a causa da droga.	403 75.19%	133 24.81%	777 69.62%	339 30.38%
h)	As pessoas tomam drogas porque têm prazer nisso.	190 35.45%	346 64.55%	463 41.56%	651 58.44%
i)	Os drogados são pessoas agressivas.	358 67.42%	173 32.58%	682 61.50%	427 38.50%
j)	A droga só provoca criminalidade.	290 54.21%	245 45.79%	465 41.63%	652 58.37%
k)	É difícil sair da droga porque o prazer é maior do que a dor.	220 41.35%	312 58.65%	364 32.88%	743 67.12%
l)	A droga estará sempre presente em todas as sociedades.	17 3.17%	520 96.83%	53 4.69%	1076 95.31%
m)	A pena de morte é a solução para combater os grandes traficantes.	391 72.54%	148 27.46%	787 69.96%	338 30.04%

Curiosamente, verifica-se que a maioria concorda com a manutenção da proibição de todo o tipo de drogas, embora os que nunca experimentaram sejam os mais defensores (55.12% e 68.93% respectivamente para quem já experimentou e para os restantes). A maioria não concorda com a venda de drogas em farmácias. Por outro lado, as opiniões dividem-se no que toca à criminalidade como consequência do consumo (45.79% e 58.37% de respostas afirmativas respectivamente para quem já experimentou e para os restantes), à liberalização das drogas leves (68.77% e 46.11% de respostas afirmativas respectivamente para quem já experimentou e para os restantes). A procura do prazer estará também associado ao consumo de droga e o prazer obtido será maior do que a dor.

De forma a tratar globalmente as questões de opinião foi aplicada a técnica da análise factorial das correspondências desenvolvida por J. P. Benzécri (1973). Para a efectuar a análise, fez-se a codificação das diferentes variáveis (afirmações) de acordo com as suas modalidades e, da análise efectuada seleccionaram-se apenas os dois primeiros eixos factoriais que, apesar de explicarem no conjunto apenas 40.03% da variabilidade dos dados, permitem interpretar o comportamento das respostas às questões mais pertinentes. Uma vez definido o número de eixos factoriais a reter, através da regra $100/n$ seleccionaram-se os indivíduos e as variáveis com contribuições absolutas (≥ 3.57) em que n corresponde à menor dimensão da matriz submetida à análise (28). Depois de avaliada a contribuição absoluta dos indivíduos e das variáveis na construção dos eixos, a análise

(1) Natureza e extensão dos consumos:

- apenas uma minoria dos participantes neste estudo (N = 130, 7.65%), constituída na sua maior parte por raparigas, nunca experimentou nem Tabaco, nem Álcool nem Drogas; a maioria dos estudantes (N = 1570; 92.35%) já tiveram experiência com substâncias, sendo o Álcool a substância mais consumida e no caso de consumo simultâneo, o par Álcool/Tabaco é o mais prevalente (45.10%), seguido do Álcool/Droga (2.1%); 30% já experimentaram as 3 substâncias; não há nenhum caso de experiência com Drogas sem ter havido experiência com Tabaco ou Álcool ou ambas;
- no que respeita à distinção entre sexos, encontrámos diferenças significativas em termos de experiência e de consumo continuado: o sexo masculino é quem mais experimenta e quem mais consome Tabaco, Álcool, Cannabis, Cocaína e Ecstasy; o sexo feminino, consome mais Tranquilizantes; nos Solventes, Estimulantes e LSD não se registaram diferenças significativas;
- o contexto social de iniciação ao consumo mais referido é os *Amigos*. Há duas excepções: os Tranquilizantes e a LSD. Nestas substâncias, a iniciação ou se faz *Sozinho* ou, então, com um *Família*, ou, também, e apenas no caso da LSD, com um *Namorado*;
- quando ao local de iniciação, há mais variabilidade; assim, para o Tabaco e Solventes surge a *Escola* em primeiro lugar, para o Álcool, Estimulantes, Ecstasy e LSD prevalece o *Bar/Discoteca*, para a Cannabis e Cocaína é a *Casa de Amigos*, enquanto que para a Heroína é a *Rua*;
- a principal razão subjectiva da experiência de consumo é a *Curiosidade*, à excepção dos Tranquilizantes, onde a grande razão é *Dormir e Descansar*. A segunda razão para a maioria das substâncias é *Sentir Sensações Agradáveis*; No Tabaco e na Cocaína surge em segundo lugar a razão *Ver Outros Experimentar*. Na Heroína, a segunda razão é *Fugir de Problemas*;
- com a excepção do consumo de Tabaco, apenas minoria admite estar dependente. A dinâmica da *Procura do Prazer*, parece ser a principal razão da dependência. Nos tranquilizantes a razão mais apontada é *Ser Doente*;
- o Álcool, o Tabaco e os Solventes são iniciados normalmente antes dos 18 anos. A Cannabis e os Estimulantes iniciam-se mais próximos desta idade, enquanto que a iniciação aos Tranquilizantes, Heroína, Cocaína, Ecstasy e LSD é feita mais tarde;

- não existem diferenças nas idades de iniciação do consumo de Tabaco, Álcool, Solventes e Tranquilizantes em função do sexo; nas restantes, à excepção da Cocaína, as raparigas parecem iniciar-se mais cedo;
- o Álcool é a substância mais consumida pelos estudantes do IPB, vindo, em segundo lugar, o Tabaco. A Cannabis é a terceira substância mais consumida e a primeira das substâncias ilícitas, registando-se um aumento da prevalência relativamente ao estudo de Preto (2000);
- quanto ao carácter problemático dos consumos, 24.11% estará dependente do Tabaco, 7.08% do Álcool, 2.24% da Cannabis, 0.76% dos Tranquilizantes, 0.24% dos Estimulantes, 0.06% de Ecstasy, 0.06% da Cocaína, 0.00% LSD e 0.00% de Heroína.

(2) Prevalência da Depressão:

- considerando a prevalência da Depressão, cerca de 1/5 dos estudantes do IPB poderá necessitar de apoio psicoterapêutico para lidar com este problema, o qual não está associado a perdas e responsabilidade por outros significativos mas está associado à percepção de disfuncionamento familiar, a níveis de insatisfação com a cidade e com o curso e ao fraco desempenho académico.

(3) Significações sobre fenómeno da Droga:

- as opiniões sobre o fenómeno da droga revelam que a maioria tem uma concepção de tolerância e abertura - ao que, talvez, não seja alheio o facto de a maioria dos estudantes conhecerem alguém que utiliza drogas - a par da concordância com a manutenção da proibição de todas as drogas.

(4) Outros aspectos da vida estudantil:

- cerca de 43.00% dos estudantes lidaram com falecimentos de outros significativos, mas, dado que estas perdas não parecem associadas a valores mais altos no IACLIDE, há fundamento para se concluir sobre a aceitação e integração da morte de entes queridos;
- tudo indica que a grande maioria dos estudantes não reconhece qualquer relação entre a sua vida e a NP, ou seja, não se identifica a uma pessoa dependente de drogas;
- no que respeita ao curso e escola como primeiras escolhas, encontrámos uma diferença: 66.75% dos estudantes refere que o curso frequentado foi escolhido em primeiro lugar, já 56.78% estudantes refere que a escola frequentada foi escolhida em primeiro lugar;

- o mesmo se passa quanto ao grau de satisfação com o curso e com a cidade: 78.00% dos estudantes admite estar satisfeito ou muito satisfeito com o curso respectivo, enquanto que cerca de 64.88% admite o mesmo em relação à cidade.
- 36.82% admite ocupar-se em actividades de tempos livres, sendo a actividade desportiva a mais referida, seguida da actividade cultural e, em terceiro lugar, a recreativa.

Limitações e Investigação Futura

Qualquer investigação tem as suas limitações. No presente estudo podemos apontar a maior representação do sexo feminino e a menor representação dos alunos da ESTiG na amostra e a extensão do questionário com as suas 43 questões. No que diz respeito à amostra, temos de lembrar que nem todas as escolas praticam a frequência obrigatória às aulas, o que pode ter contribuído para aquelas representações, posto que os dados foram recolhidos durante os tempos lectivos. O efectivo da amostra (N = 1700) impõe, por outro lado, a necessidade de se ter em conta os dados recolhidos. Quanto à extensão do questionário, de facto, podia ter tido algum efeito indesejável nas respostas. Não o sabemos ao certo. Em todo o caso, optámos por esta extensão, devido à necessidade de aproveitar esta oportunidade para recolher, não só dados sobre o consumo de substâncias legais e ilegais, mas de outros aspectos da vida estudantil. Esta opção revelou-se adequada porque um dos dados mais interessantes é a prevalência da depressão e a sua associação a aspectos da vida estudantil, como a insatisfação com o curso e o fraco desempenho académico. Daqui resulta que julgamos muito importante a concepção de estruturas de apoio a este problema e, concomitantemente, o estudo mais pormenorizado das causas e das consequências da depressão. Concretamente: haverá alguma atitude prévia que vulnerabilize os estudantes?; que aspectos do auto-conceito de estudante poderão ser afectados?; haverá ligação com taxas de abandono escolar?

Em suma, o presente trabalho, não só permite respostas – ainda que provisórias – a algumas questões, como suscita outras que esperamos abordar futuramente.

Referências

- Agostinho, M. & Rebelo, L. (1988). Família: do conceito aos meios de avaliação. *Revista Portuguesa Clínica*, nº 32, 6-17.
- Alves, A. F. R. (2000). *Abordagem narrativa da dependência de heroína. Estrutura e processo, conteúdo das narrativas de dependentes de heroína*. Tese de Doutoramento, Departamento de Psicologia, IEP, Universidade do Minho.
- Associação Académica de Bragança (s.d.). *Campanha de combate às toxicodependências. Inquérito de avaliação da situação no IPB*. Policopiado.
- Benzécri, J. P. (1973). *L'analyse des donnés*. 2 vols. Paris: Dunod.
- Bonilla, J., Bernal, G., Santos, A. & Santos, D. (2004). A revised spanish version of the Beck Depression Inventory: psychometric properties with a puerto Rican sample of college students. *Journal Of Clinical Psychology*, 60 (1), 119-130.
- D'Hainault, L. (1990). *Conceitos e métodos da estatística*. Vol. 1. Lisboa: Serviço de Educação da Fundação Calouste Gulbenkian.
- Duncan, D. White, J. B. & Nicholson, T. (2003). Using internet-based surveys to reach hidden populations: case of nonabusive il-

- licit drug users. *American Journal of Health Behavior*, 27(3): 208-218.
- Endler, N. S., Rutherford, A. & Denisoff E. (1999). Beck Depression Inventory: exploring its dimensionality in a non-clinical population. *Journal Of Clinical Psychology*, 55 (10), 1307-1312.
- ESPAD (2003). <http://www.espad.org/sa/node.asp?node=641>.
- Gardner, W., Nutting, P. A., Kelleher, K. J., Werner, J. J., Farley, T., Stewart, L., Hartsell, M. & Orzano, J. A. (2001). Does family APGAR effectively measure family functioning? *The Journal of Family Practice*, vol. 50, nº 1.
- Gonçalves, O. F., Alves, A. F. R., Soares, I. & Duarte, Zélia T. (1996). Narrativas prototipo Y psicopatología: un estudio con pacientes alcohólicos, anoréxicas y opiáceo-dependientes. *Revista de Psicopatología y Psicología Clínica*, vol. I nº 2 pp. 105-114.
- Hunt, M., Auriemma, J. & Cashaw, A. C. A. (2003). Self-report bias and underreporting of depression on the BDI-II. *Journal of Personality Assessment*, 80(1), 26-30.
- Maxwell, J. C. & Liu, L. Y. (1999). *Texas school survey of substance abuse among students: grades 7-12*. Austin: Texas Comission on Alcohol and Drug Abuse.
- Mohler-Kuo, M., Lee, J. E. & Wechsler, H. (2003). Trends in marijuana and other illicit drug use among college students: results from 4 Harvard School of Public Health College Alcohol Study Surveys: 1993-2001. *Journal of American College Health*, Vol. 52, nº 1.
- Negreiros, Jorge N. (1996). *Consumo de álcool e drogas nos jovens: estudo epidemiológico no concelho de Matosinhos*. Contemporânea: Matosinhos.
- Nicholson, T., Duncan, D. & White, J. B. (2002). Is recreational drug use normal? *Journal of Substance Use*, 7, 116-123.
- Nicholson, T., White, J. & Duncan, D. (1998). Drugnet: Apilot study of adult recreation drug use via the www. *Substance Abuse*, vol. 10, nº 3, 109-121.
- Nicholson, T., White, J. B., & Duncan, D. (2000). The general well-being of recreational drug users: a survey on the www. *International Journal of Drug Policy*, 11, 315-323.
- Preto, L. (2002). *Consumos de substâncias psicoactivas em estudantes do ensino superior: A influência dos factores psicossociais e do desenvolvimento da autonomia*. Dissertação de mestrado apresentada ao ISMT. Coimbra. (Tese não publicada).

- Preto, L. (2003). Psychoactive substances use in Bragança university students. Influence of psychological and social variables. *Revista de Investigação em Enfermagem*. Nº 7. Fev: 12-23.
- Ramos, Maria José Lima (2002). *Narrativas, Toxicodependência e Significativos. Validação divergente da Narrativa Protótipo*. Tese de Mestrado, Departamento de Psicologia, IEP, Universidade do Minho
- Saameño, J. A. B., Sanches, D. A., Luna Del Castilho, D. & Claret, P. L. (1996). Validez y fiabilidad del cuestionario de función familiar Apgar-familiar. *Atención Primaria*, vol. 18, nº 6, 289-296.
- Smart, R. G., et. al. (1980). *A methodology for student drug-use surveys*. WHO Offset Publication nº 50. Genebra.
- Um terço dos universitários já experimentaram drogas. (2001, 15 de Fevereiro). *Público*, pp. 1, 26-27.
- Vaz-Serra, A. (1994). *Inventário de avaliação clínica da depressão*. 1ª ed. Coimbra: Edição Psiquiatria Clínica.
- Whisman, M. A., Perez, J. E. & Ramel, W. (2000). Factor structure of the Beck Depression Inventory – second edition (BDI-II) in student sample. *Journal Of Clinical Psychology*, 56 (4), 545-551.

Notas

- 1) O IPB tem cinco escolas: Escola Superior de Educação (ESE); Escola Superior Agrária (ESA); Escola Superior de Tecnologia e de Gestão (ESTiG); Escola Superior de Saúde (ESSA); Escola Superior de Tecnologia e de Gestão de Mirandela (ESTGM).
- 2) Inventário de Avaliação Clínica da Depressão (Vaz-Serra, 1994).
- 3) Fonte: Secretaria dos Serviços Académicos do IPB.
- 4) Cada sujeito pôde escolher cumulativamente várias opções de resposta.
- 5) Além das opções listadas e conforme a substância houve ainda as seguintes: *Sentir-me mais adulto/a*, *Desafio perante os mais velhos* (Tabaco); *Dormir e descansar* (Tranquilizantes); *Perder peso* (Estimulantes), *Desinibição* (todas as restantes); *Criatividade* (LSD).
- 6) Também aqui, além das opções listadas e conforme a substância, houve ainda as seguintes: *Aliviar o stress* (Tabaco), *Opção de vida* (Cannabis, Heroína, Ecstasy e LSD).
- 7) O IACLIDE é um instrumento bem conhecido que dispensa a sua apresentação pormenorizada.
- 8) A conversão do questionário para papel acarretou uma omissão apenas detectada depois da impressão e de vários questionários recolhidos: não foi inserida a questão sobre as três prevalências nos solventes.
- 9) As recomendações de utilização do teste do χ^2 apontam para a sua não utilização sempre que se registem mais do que 20% de classes com frequências esperadas inferiores a 5 ou quando alguma delas apresenta uma frequência esperada inferior a 1.
- 10) Ordenação descendente em função dos valores da coluna LV.

- 11) Em uma das escolas, o procedimento de recolha de dados não permitiu tempo para o preenchimento.

Títulos publicados:

- 1 · **A agricultura nos distritos de Bragança e Vila Real**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 2 · **Política económica francesa**
Francisco José Terroso Cepeda – 1985
- 3 · **A educação e o ensino no 1º quartel do século XX**
José Rodrigues Monteiro e Maria Helena Lopes Fernandes
– 1985
- 4 · **Trás-os-Montes nos finais do século XVIII: alguns aspectos económico-sociais**
José Manuel Amado Mendes – 1985
- 5 · **O pensamento económico de Lord Keynes**
Francisco José Terroso Cepeda – 1986
- 6 · **O conceito de educação na obra do Abade de Baçal**
José Rodrigues Monteiro – 1986
- 7 · **Temas diversos – economia e desenvolvimento regional**
Joaquim Lima Pereira – 1987
- 8 · **Estudo de melhoramento do prado de aveia**
Tjarda de Koe – 1988
- 9 · **Flora e vegetação da bacia superior do rio Sabor no Parque Natural de Montesinho**
Tjarda de Koe – 1988
- 10 · **Estudo do apuramento e enriquecimento de um pré-concentrado de estanho tungsténio**
Arnaldo Manuel da Silva Lopes dos Santos – 1988
- 11 · **Sondas de neutrões e de raios Gama**
Tomás d'Aquino Freitas Rosa de Figueiredo – 1988
- 12 · **A descontinuidade entre a escrita e a oralidade na aprendizagem**
Raul Iturra – 1989
- 13 · **Absorção química em borbulhadores gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1990

-
- 14 · **Financiamento do ensino superior no Brasil – reflexões sobre fontes alternativas de recursos**
Victor Meyer Jr. – 1991
 - 15 · **Liberalidade régia em Portugal nos finais da idade média**
Vitor Fernando Silva Simões Alves – 1991
 - 16 · **Educação e loucura**
José Manuel Rodrigues Alves – 1991
 - 17 · **Emigrantes regressados e desenvolvimento no Nordeste Interior Português**
Francisco José Terroso Cepeda – 1991
 - 18 · **Dispersão em escoamento gás-líquido**
João Alberto Sobrinho Teixeira – 1991
 - 19 · **O regime térmico de um luvissole na Quinta de Santa Apolónia**
Tomás d'Aquino F. R. de Figueiredo - 1993
 - 20 · **Conferências em nutrição animal**
Carlos Alberto Sequeira - 1993
 - 21 · **Bref aperçu de l'histoire de France – des origines à la fin du II^e empire**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1994
 - 22 · **Preparação, realização e análise / avaliação do ensino em Educação Física no Primeiro Ciclo do Ensino Básico**
João do Nascimento Quina – 1994
 - 23 · **A pragmática narrativa e o confronto de estéticas em *Contos de Eça de Queirós***
Henriqueta Maria de Almeida Gonçalves – 1994
 - 24 · **“Jesus” de Miguel Torga: análise e proposta didáctica**
Maria da Assunção Fernandes Morais Monteiro – 1994
 - 25 · **Caracterização e classificação etnológica dos ovinos churros portugueses**
Alfredo Jorge Costa Teixeira – 1994
 - 26 · **Hidrogeologia de dois importantes aquíferos (Cova de Lua, Sabariz) do maciço polimetamórfico de Bragança**
Luís Filipe Pires Fernandes – 1996

-
- 27 · **Micorrização in vitro de plantas micropropagadas de castanheiro (*Castanea sativa* Mill)**
Anabela Martins – 1997
- 28 · **Emigração portuguesa: um fenómeno estrutural**
Francisco José Terroso Cepeda – 1995
- 29 · **Lameiros de Trás-os-Montes: perspectivas de futuro para estas pastagens de montanha**
Jaime Maldonado Pires; Pedro Aguiar Pinto; Nuno Tavares Moreira – 1994
- 30 · **A satisfação / insatisfação docente**
Francisco Cordeiro Alves – 1994
- 31 · **O subsistema pecuário de bovinicultura na área do Parque Natural de Montesinho**
Jaime Maldonado Pires; Nuno Tavares Moreira – 1995
- 32 · **A terra e a mudança – reprodução social e património fundiário na Terra Fria Transmontana**
Orlando Afonso Rodrigues – 1998
- 33 · **Desenvolvimento motor: indicadores bioculturais e somáticos do rendimento motor de crianças de 5/6 anos**
Vítor Pires Lopes – 1998
- 34 · **Estudo da influência do conhecimento prévio de alunos portugueses na compreensão de um texto em língua inglesa**
Francisco Mário da Rocha – 1998
- 35 · **La crise de Mai 68 en France**
João Sérgio de Pina Carvalho Sousa – 1999
- 36 · **Linguagem, psicanálise e educação: uma perspectiva à luz da teoria lacaniana**
José Manuel Rodrigues Alves
- 37 · **Contributos para um estudo das funções da tecnologia vídeo no ensino**
Francisco Cordeiro Alves – 1998
- 38 · **Sistemas agrários e melhoramento dos bovinos de raça Mirandesa**
Fernando Jorge Ruivo de Sousa – 1998

-
- 39 · **Enclaves de clima Cfs no Alto Portugal – a difusa transição entre a Ibéria Húmida e a Ibéria Seca**
Ário Lobo Azevedo; Dionísio Afonso Gonçalves; Rui Manuel Almeida Machado – 1995
- 40 · **Desenvolvimento agrário na Terra Fria – condicionantes e perspectivas**
Duarte Rodrigues Pires – 1998
- 41 · **A construção do planalto transmontano – Baçal, uma aldeia do planalto**
Luísa Genésio – 1999
- 42 · **Antologia epistolográfica de autores dos sécs. XIX-XX**
Lurdes Cameirão – 1999
- 43 · **Teixeira de Pascoaes e o projecto cultural da “Renascença Portuguesa”**
Lurdes Cameirão – 2000
- 44 · **Descargas atmosféricas – sistemas de protecção**
Joaquim Tavares da Silva
- 45 · **Redes de terra – princípios de concepção e de realização**
Joaquim Tavares da Silva
- 46 · **O sistema tradicional de exploração de ovinos em Bragança**
Carlos Barbosa – 2000
- 47 · **Eficiência de utilização do azoto pelas plantas**
Manuel Ângelo Rodrigues, João Filipe Coutinho – 2000
- 48 · **Elementos de física e mecânica aplicada**
João Alberto Sobrinho Teixeira
- 49 · **A Escola Preparatória Portuguesa – Uma abordagem organizacional**
Henrique da Costa Ferreira – 2002
- 50 · **Agro-ecological characterization of N. E. Portugal with special reference to potato cropping**
T. C. Ferreira, M. K. V. Carr, D. A. Gonçalves – 1996
- 51 · **A participação dos professores na direcção da Escola Secundária, entre 1926 e 1986**
Henrique da Costa Ferreira – 2002

-
- 52 · A evolução da Escola Preparatória – o conceito e componentes curriculares**
Henrique da Costa Ferreira – 2003
- 53 · O Homem e a biodiversidade (ontem, hoje... amanhã)**
António Réffega – 1997
- 54 · Conservação, uso sustentável do solo e agricultura tropical**
António Réffega – 1997
- 55 · A teoria piagetiana da equilibração e as suas consequências educacionais**
Henrique da Costa Ferreira – 2003
- 56 · Resíduos com interesse agrícola - Evolução de parâmetros de compostagem**
Luís Manuel da Cunha Santos – 2001
- 57 · A dimensão preocupacional dos professores**
Francisco dos Anjos Cordeiro Alves – 2001
- 58 · Análise não-linear do comportamento termo-mecânico de componentes em aço sujeitas ao fogo**
Elza M. M. Fonseca e Paulo M. M. Vila Real – 2001
- 59 · Futebol - Referências sobre a orientação do jogo**
João do Nascimento Quina – 2001
- 60 · Processos de cozedura em cerâmica**
Maria Helena Pires César Canotilho – 2003
- 61 · Labirintos da escrita, labirintos da natureza em "As Terras do Risco" de Agustina Bessa-Luís**
Helena Génésio – 2002
- 62 · A construção da escola inclusiva - um estudo sobre a escola em Bragança**
Maria da Conceição Duque Fernandes Ferreira – 2003
- 63 · Atlas das aves nidificantes da Serra da Nogueira**
Domingos Patacho
- 64 · Dialecto rionorês: contributo para o seu estudo**
Dina Macias – 2003

-
- 65 · **A aquisição e o desenvolvimento do vocabulário na criança de 4 anos - Estudo de um caso**
Dina Macias – 2002
- 66 · **Barbela, um trigo escravo - a cultura tradicional de trigo na terra fria bragançana**
Ana Maria Carvalho
- 67 · **A língua inglesa, uma referência na sociedade da globalização**
Eliane Cristine Raab Pires – 2002
- 68 · **Etnobotânica das aldeias da Moimenta da Raia e Rio de Onor**
Ana Maria Carvalho; Ana Paula Rodrigues
- 69 · **Caracterização Biofísica da técnica de Mariposa**
Tiago Barbosa – 2004
- 70 · **As inter-relações turismo, meio-ambiente e cultura**
Eliane Cristine Raab Pires – 2004
- 71 · **Avaliação do impacto dos cursos de jovens empresários agrícolas em Trás-os-Montes**
Maria da Graça Ferreira Bento Madureira – 2004
- 72 · **Do pai ao pior – 4 conferências**
Acílio da Silva Estaqueiro Rocha; José Manuel Rodrigues Alves; José Martinho; J. Gaglianone
- 73 · **Alguns deícticos de lugar: Análise pragmática**
Dina Rodrigues Macias – 2004
- 74 · **Fórum de psicanálise, sonho e criatividade – 100 anos sobre a ciência dos sonhos de Freud**
Vários autores organizados por José Manuel Rodrigues Alves
- 75 · **Perspectiva pictórica**
Luís Manuel Leitão Canotilho – 2005
- 76 · **Ética e psicanálise em Lacan: o desejo, o bem e a condição humana**
José Manuel Rodrigues Alves
- 77 · **Oscar Wilde: a tragicidade da vida de um escritor**
Eliane Cristine Raab Pires – 2005

-
- 78 · **Diário MS9: Dilemas de uma professora principiante**
Francisco Cordeiro Alves – 2005
- 79 · **O estudo do meio social como processo educativo de desenvolvimento local**
Maria do Nascimento Esteves Mateus
- 80 · **A voz dos professores na primeira pessoa**
Francisco Cordeiro Alves – 2006
- 81 · **Língua e Cultura**
Eliane Cristine Raab Pires – 2006
- 82 · **Ciclo de Conferências 2003: Estudos e Literatura**
Escola Superior de Educação - Departamento de Português
– 2006
- 83 · **Pedregosidade dos solos em Trás-os-Montes: importância relativa e distribuição espacial**
Tomás d'Aquino Freitas Rosa de Figueiredo
- 84 · **Uma panorâmica sobre os recursos pedológicos do Nordeste Transmontano**
Tomás d'Aquino Freitas Rosa de Figueiredo
- 85 · **Erosão hídrica dos solos em Trás-os-Montes: avaliação e avaliações**
Tomás d'Aquino Freitas Rosa de Figueiredo
- 86 · **Beginning teachers and diversity in school: A European Study**
Hugh Gash (editor) – 2006
- 87 · **Formação profissional e a promoção do desenvolvimento local e regional. Uma problematização**
Maria Patrocínia Correia Ferreira – 2006
- 88 · **Reflexões sobre empresas virtuais**
Luís Carlos Magalhães Pires – 2007
- 89 · **O intertexto camoniano na poesia de Manuel Alegre**
Dina Rodrigues Macias – 2008
- 90 · **Ciclos de vida das famílias agrícolas**
Maria da Graça Bento Madureira

-
- 91 · A organização do processo de ensino em Educação Física**
João do Nascimento Quina
- 92 · A iconografia nos manuais escolares do Estado Novo**
Cristina Maria Mesquita Gomes Pires; Elza da Conceição Mesquita; Maria do Céu Ribeiro
- 93 · Da toxicodependência à depressão: Consumos, significações e prevalências**
António Ribeiro Alves; Leonel Preto; Augusta Mata; Inês Corre-deira; Mário Escudeiro – 2008

A publicar brevemente:

Do quadrado ao Ponto da Bauhütte
Luís Manuel Leitão Canotilho